

**MODELOS URBANÍSTICOS MODERNOS E PARQUES URBANOS:**  
AS RELAÇÕES ENTRE URBANISMO E PAISAGISMO EM SÃO PAULO NA  
PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

**FABIANO LEMES DE OLIVEIRA**

TESE DE DOUTORADO

ORIENTADOR:

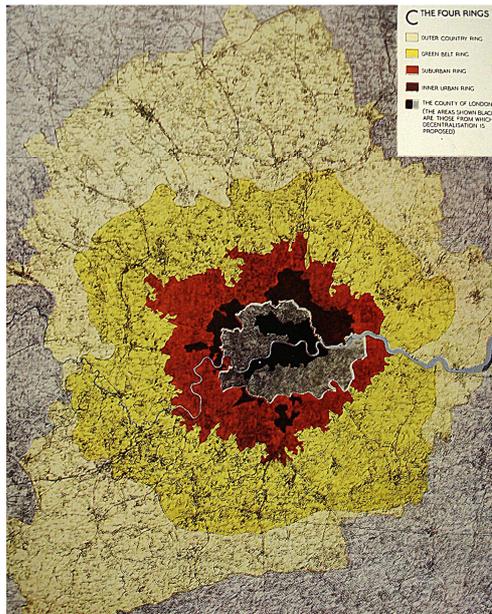
**PROF. DR. JOSEP MARIA MONTANER**

DOCTORADO EN TEORÍA E HISTORIA DE LA ARQUITECTURA  
DEPARTAMENTO DE COMPOSICIÓN ARQUITECTÓNICA  
UNIVERSITAT POLITÈCNICA DE CATALUNYA - UPC

Março  
2008

## 5.7 O PLANO DIRETOR PARA SÃO PAULO E AS ÁREAS VERDES

Os debates sobre como deveria ser realizado o plano diretor para São Paulo tomam o centro das discussões nos veículos de divulgação profissionais, sobretudo através de palestras e publicações em revistas especializadas. Dentro deste contexto se manifestam distintos grupos, desde os responsáveis pelos departamentos públicos, como outros engenheiros e arquitetos que oferecem sua reflexão teórica sobre o tema.



**fig 74 - Os quatro anéis do *Greater London Plan*. Abercrombie, 1944.**

Os anéis são, de dentro para fora: a área urbana, a zona suburbana, o *greenbelt* (em amarelo forte) e zona rural exterior.

Fonte: ABERCROMBIE. 1944, p.23.

Uma vertente ideológica do urbanismo paulistano se apoiava nas idéias difundidas por Anhaia Mello, especialmente os membros do Departamento de Urbanismo, criado em 1947. Nestes quadros, há defesas recorrentes do planejamento pautado nos referenciais de desconcentração urbana, criação de um sistema viário hierarquizado associado a unidades de habitação e aumento de áreas verdes. Os textos de Geddes e Mumford, nesta linha argumentativa, seguiam extremamente citados, bem como se centram atenções no plano de Abercrombie para Londres, na experiência das *New Towns* e no desenho das unidades de vizinhança. Especialmente, o *Greater London Plan* (fig 74) emerge como modelo de intervenção factível - dentro desta linha de

desenvolvimento urbanístico - para uma metrópole consolidada, em que diversos urbanistas paulistanos se aterão. Pautado nos princípios da desconcentração através da criação de cidades novas conectadas à metrópole por um eficiente sistema de transportes e vias; de criação de um sistema de áreas verdes em que se incluía um *greenbelt* e da reestruturação do existente a partir das unidades de vizinhança, será citado em todos estes aspectos. Também a influência da história e do humanismo de Marcel Pöete, bem como de outros campos disciplinares como a sociologia, a geografia e a economia marcam o tom de inúmeras visões. Evidentemente, o papel do Padre Lebret nesta revisão do fazer urbanístico e na maior atenção a estas últimas disciplinas mencionadas para o entendimento das condições e necessidades locais, também encontra eco teórico, especialmente no incremento da verificação da importância dos levantamentos e da incorporação da voz cidadã na tomada de decisões.

A ênfase no *survey*, que passou a ser um dos principais elementos do processo de constituição do plano, deveras defendido por Mello e que chega a grande efeito com os trabalhos do grupo SAGMACS de Le Bret, demarcava uma metodologia de enfrentamento dos problemas urbanos que em parte substituía o papel do plano desenhado a grandes traços. As críticas aos modelos formais forjados a partir das concepções urbanísticas que caracterizou, dentre outros, o modernismo, forneceram, no pós-guerra, elementos para sua revisão; e a busca de maior inclusão dos interesses locais, das análises do existente e da atenção às opiniões das populações diretamente afetadas pelo plano ganha relevância nas discussões metodológicas. Esta posição antagônica, que Choay qualifica como “crítica humanista”,<sup>95</sup> e que se formulou em maior medida por sociólogos, historiadores, geógrafos e economistas, postulou um novo enfoque em que estas disciplinas ganharam grande peso nos estudos prévios aos planos e na definição de formas de intervenção. Se Geddes, Mumford, Poëte e Lavedan, dentre outros, já defendiam com anterioridade o papel das análises locais e da inclusão da evolução urbana e do papel da história no planejamento das cidades, no pós-guerra se incrementam estes estudos e o interesse por tais posturas, como já comentamos com anterioridade. Assim, as extensas análises físicas, econômicas, sociológicas e outras, como etapas prévias e necessárias ao plano urbanístico, alcança um nível de reconhecimento tal que relativiza a importância deste último, que passa a ser entendido por importante grupo de urbanistas como consequência daquele e de menor importância.

Esta incrementação do papel da geografia, da economia e sobretudo da sociologia no fazer urbanístico promoveu certas reações em defesa da liberdade projetual, do papel do plano, do desenho urbano e, em suma, da necessidade de materialização formal das proposições para a cidade e/ou a região. Estas posturas se consolidam nos anos 50 e se é bem verdade que o *survey* e o zoneamento incrementam seu papel, não é menos certo que a importância do projeto também se defende fortemente, ainda que a partir de outros critérios. Essa relação de alteridade entre uma postura e outra, se demarca claramente pelas vozes de determinados personagens, em que podemos identificar como principal articulador do primeiro grupo o trabalho do Padre Le Bret; e do segundo, nomes como Cardim Filho, Arruda Camargo Cezar Filho, dentre outros.

Dentre os interlocutores mais presentes, destacamos os que participaram dos quadros institucionais de modo ou outro relacionados ao Departamento de Urbanismo, que tinha a função de elaborar o plano diretor da cidade. Vale verificar como estes personagens pensaram as áreas verdes dentro de suas idéias de cidade, e começamos este repasso crítico pelo diretor deste departamento, em 1950 (ano de publicação do Relatório Moses), Carlos Alberto Gomes Cardim Filho. Em palestra no Instituto de Engenharia, naquele ano, alertava para a falta de áreas verdes em São Paulo e de como as taxas sobre terrenos não construídos favorecia seu loteamento e a conseqüente diminuição das reservas de vegetação na cidade. Propunha, por sua vez, para inverter esse curso, que: se impedissem os parcelamentos de terra clandestinos, que se dedicassem maiores áreas verdes em loteamentos, a limitação do crescimento da cidade, a formação de um *greenbelt* rural a ser composto de chácaras entorno à cidade e o zoneamento, como ferramenta de controle.<sup>96</sup>

A defesa de planos regionais que controlassem o crescimento populacional e urbano da metrópole, também se vê presente na fala de outros profissionais. É ilustrativo citar Rogério Cezar Filho, que ocupou o cargo de Cardim Filho nos anos de 1953 e 1954, e Armando Arruda Camargo que, em 1956, afirmaram que todos os problemas verificados farão “*da cidade que mais cresce no mundo, dentro de um decênio, o mais amplo, infernal e avacalhado cortiço na face da Terra*”.<sup>97</sup> Os autores defendiam o papel do plano e da circunscrição do peso dos levantamentos ao estritamente necessário, atentando para o encontro da densidade média adequada para a cidade, através da análise do defendido por Sert

em *Can Our Cities Survive*; de Clarence Perry, em Radburn; e dos textos de Purdom. Propuseram textualmente a reorganização da cidade através de unidades de vizinhança, (fig 75) mencionando ainda o sucesso das obras do Convênio Escolar, que funcionavam como centros organizadores da vida social dos bairros. O modelo que estabelecem se pautaria em dois tipos de unidades de vizinhança, a de comunidades maiores e a de núcleos menores, afirmando que: “*sem ser um plano definitivamente estabelecido (...) representa inegavelmente muito mais do que um programa nos moldes preconizados pelo Relatório Moses*”.<sup>98</sup> A respeito das áreas



**fig 75 - Exemplo de unidade de vizinhança de Purdom.**

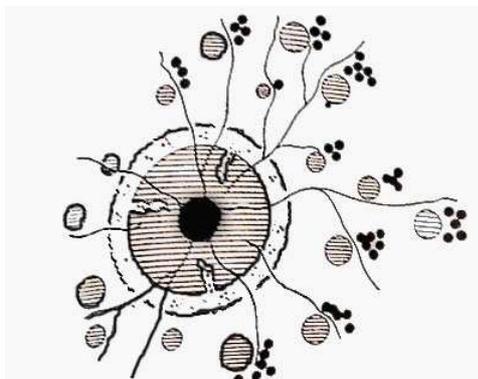
Este modelo serviria para a definição das unidades propostas por Cezar Filho e Arruda Camargo. Destacamos como a área destinada a parques ultrapassa o limite da unidade, sugerindo a conexão com outras.

Fonte: CEZAR FILHO, R.; CAMARGO, A. 1956, p.44.

verdes, afirmavam que a taxa então atual era de 20 a 40 m<sup>2</sup> /hab, mas que não seria possível alcançar mais de 5 ou 6 m<sup>2</sup>/hab em 25 anos.<sup>99</sup> Definindo, ao final, a partir de diretriz já exposta por Cardim Filho, que se bloqueassem áreas que pudessem ser convertidas em parques e espaços para recreação menores à escala dos bairros, e a instituição de um *greenbelt*. Este teria uso social, para agropecuária e para a criação de parques suburbanos.

Como vemos a idéia de criação de áreas verdes de bairro, de novos parques suburbanos e de criação de um cinturão verde se apresenta fortemente como soluções plausíveis para o problema da falta de áreas verdes para a cidade, atuando ainda no controle do crescimento urbano. As assertivas de Mello, portanto, se espalham no meio urbanístico local, em especial pela defesa destas três tipologias, bem como pelo destaque ao papel recreativo destes espaços.

O organizador do Departamento de Urbanismo da Prefeitura Municipal, e seu primeiro Diretor, Henrique Neves Lefevre foi outros do que dedicou páginas ao tema, adotando o mesmo partido de Mello. Argumenta que: *“o espaço livre é, segundo os ditames do urbanismo moderno, um elemento funcional do plano”* e que deve ser distribuído equitativamente na cidade, tendo em vista o uso de toda a população. Importava, sobejamente, *“tornar menos impura a atmosfera das cidades e proporcionar espaços para a prática da cultura física e dos passeios higiênicos”*. Estes poderiam ser divididos em distintos grupos, segundo suas funções: as vias de comunicação, largos e rotatórias; as praças, por sua relação com os edifícios e monumentos; e os destinados à recreação, passeio, distração e repouso, como os jardins botânicos, zoológicos e determinados parques; e outras áreas reservadas à prática esportiva.<sup>100</sup> Sua maior equidade no tecido citadino, ao mesmo tempo que o controle do crescimento territorial da urbe, a criação de cidades satélites para além do cinturão verde e a busca de articulação entre necessidades físicas e espirituais, expressas no Plano Diretor, poderia inverter o processo de transformação de São Paulo, usando terminologia Mumfordiana, em uma megalópolis *“monstruosa, anti-humana, escura e nauseabunda”*.<sup>101</sup> O verde deveria estar, assim, a seu ver, espalhado no interior da cidade, em



**fig 76 - Modelo adotado por Lefevre para São Paulo, 1952.**

Note-se que assume o crescimento pautado em cidades satélites e na descentralização da industrialização, ambas para além do cinturão verde. Destacamos as áreas verdes em cunha, da cintura em direção ao centro da cidade.

Fonte: LEFEVRE. 1953, p.147.

distintas escalas; contornando-a através do *greenbelt* e penetrando-a com cunhas verdes que partiriam dessa cintura em direção ao centro da cidade. (fig 76)

Oswaldo Corrêa Gonçalves é outro que, em postura similar a de Mello em relação à elaboração de um sistema de recreio da cidade, defendeu seu papel benéfico na melhoria das condições física, psico-sociais e no combate à criminalidade. À diferença, entretanto, do radicalismo de Anhaia Mello sobre a questão, não apresenta postura tão restritiva a favor do recreio ativo em oposição ao contemplativo, como tampouco se via nas palavras de Lefevre. Reconhece a sua importância, mas destaca também o papel positivo do recreio contemplativo. Para Gonçalves, um sistema de parques significava, antes de tudo, um sistema de recreação ativa e passiva, em que se deveriam incluir: campos de jogos, esportes, piscinas; como também e parte dessa segunda categoria, os jardins zoológicos, os parques naturais e orquidários.

Como vimos analisando, as discussões em torno à necessidade de um plano diretor para São Paulo se intensificam na primeira metade da década de 50. Mello, Maia, Cardim Filho, Cezar Filho, Lefevre, Golçalves e outros fizeram suas contribuições, especificando, a partir de suas concepções, como deveria conformar-se. Neste marco de discussões, em 1957, Carlos Lodi apresenta um artigo em que esboça um plano diretor para a cidade.<sup>102</sup> O autor, que dirigia a Divisão de Planejamento Geral da Cidade do Departamento de Urbanismo, definia, em consonância com as revisões críticas dos projetos fechados e acabados formalmente, o plano como instrumento flexível de ordenação territorial, genérico e adaptável aos equilíbrios que se fizessem necessários. A tríade geddesiana, “pesquisa-análise-plano”, difundida por Anhaia Mello dentro do horizonte de referências já discutido, é assumida por Lodi. O *survey*, vinha sendo realizado por Lebrecht e seria integrado nos trabalhos de planejamento; as análises, feitas pelas divisões do Departamento de Urbanismo; e o plano, conformar-se-ia a partir de diagramas, indicações e gráficos orientativos, sem que se concluísse como objeto fechado. Da mesma forma como vinham argumentando outros urbanistas dos quadros públicos, amparados nas idéias de Mello, Lodi estrutura um sistema viário hierarquizado, com amplas avenidas e vias locais, e adota as unidades de vizinhança como células físicas do tecido metropolitano e forma de criação de coesão social. Como principal referência projetual, podemos identificar o plano de Abercrombie para Londres, que se generaliza nesta corrente urbanística em São Paulo como modelo adequado para as grandes metrópoles.<sup>103</sup>

A circulação e o zoneamento aparecem como motores do estudo, conquanto as áreas verdes também encontrem certa atenção. Estabelece um modelo radial-perimetral, com formato

ovalado, em que a última perimetral já não compreenderia as marginais dos rios Pinheiros e Tietê. (fig 77) As principais avenidas serviriam como instrumentos de descentralização, como conectores entre a cidade consolidada e os novos núcleos distritais. Os distritos (fig 78) seriam autônomos para evitar fluxos excessivos ao centro, e entre unidades, e seriam constituídos por bairros, e estes, por sua vez, pelas unidades de vizinhança. O zoneamento regeria a desconcentração periférica, a descentralização, a densidade demográfica, usos e ocupação do território. Dentre esses usos destaca que se reservem na periferia da cidade, áreas destinadas ao uso agrícola, que limitassem o crescimento urbano a modo de um cinturão verde. Este, representado pela linha tracejada no diagrama abaixo, assim foi mencionado por Lodi:

Estão definidos alguns setores periféricos do município que, devido especialmente à natureza da topografia, podem e devem manter seu caráter rural, estabelecendo-se nessas direções (...) limitação à expansão da área edificada.

Ainda sobre as demais áreas verdes, afirmara que:

dentro da própria mancha urbana e suburbana edificada há ainda áreas livres e é ainda possível, mediante o estudo e aplicação de legislação conveniente, que quanto aos novos arruamentos, quer quanto aos que existem e são escassamente edificados, a manutenção ou a criação de áreas livres para oferecer espaço adequado ao recreio ativo, ao esporte e outras atividades sociais, ou mesmo para a simples manutenção das necessárias zonas verdes.<sup>104</sup>

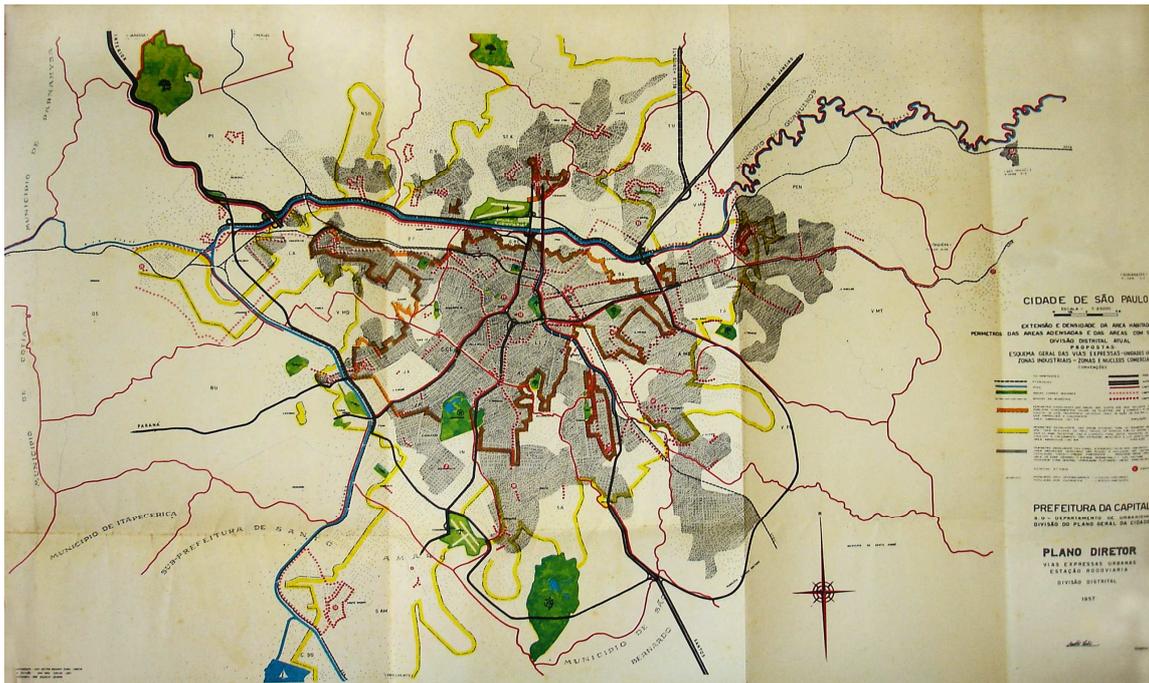
Atente-se para o fato de que se refere e ilustra vazios urbanos no tecido citadino que poderiam ser convertidos em parques públicos, inclusive criando-se cunhas verdes desde o cinturão periférico.



**fig 77 - Esquema representativo do Plano Diretor de São Paulo. Carlos Lodi, 1957.**

Destacamos a demarcação do cinturão verde, com linha tracejada e como Lodi identifica os principais vazios urbanos, contando com a possibilidade de que ali se pudessem instalar novos parques.

Fonte: LODI. 1957, p.19.



**fig 78 - Planta da cidade contendo análises e propostas de Carlos Lodi, 1957.**

Ilustra as divisões distritais propostas e as principais áreas verdes da cidade. Sendo elas, de cima para baixo e da esquerda para a direita: (acima do rio Tietê) Parque do Jaraguá, Horto Florestal, Aeroporto Campo de Marte e área verde no Jardim Japão. (abaixo do Tietê) Parque da Água Branca, Jardim da Luz, Estádio do Pacaembu, Largo do Arouche, Praça da República, Parque D. Pedro II, Hipódromo da Mooca, área verde na Água Rasa; (a oeste do rio Pinheiros) Instituto Butantã, Jôquei Clube; (a leste do rio Tietê) Parque do Ibirapuera, Parque da Aclimação, Jardins do Ipiranga, Sociedade Hípica Paulista, Aeroporto de Congonhas e Parque do Estado.

Verifica-se, portanto, como até o final dos anos 50, sobretudo dentro dos quadros do Departamento de Urbanismo, se conjuga a vontade de se controlar o crescimento metropolitano e de aumentar as áreas verdes. O Plano de Londres e das *New Towns* adquirem especial interesse aos olhares paulistanos, como soluções modelares para a intervenção em uma metrópole existente e para o crescimento descentralizado da região. Chamamos a atenção para como em São Paulo, a estruturação de um sistema de áreas verdes também se pautou em escalas semelhantes ao exemplo inglês, desde a conformação de um cinturão verde agrícola, delimitador do espaço urbano, até as áreas de recreação das unidades de vizinhança, passando por parques maiores, zoológicos, áreas esportivas etc.

Lodi permanece na chefia da Divisão de Planejamento Geral até 1958 e passa a ser o diretor do Departamento de Urbanismo de 1959 a 1961. De acordo com Villaça, não conseguiu chegar a termo um plano diretor para a cidade, em seu formato final, mas apenas a publicação de um conjunto de estudos realizados pelo departamento em um volume em 1960. Feldman destaca ainda que somente em 1968 se anuncia um outro plano para a cidade e que apenas em 1971 São Paulo terá um plano elaborado pelo setor de planejamento, o PDDI – Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado.<sup>105</sup>

## LISTA DE FIGURAS:

|  |     |
|--|-----|
| FIG 1 - CENTRO DA CIDADE VISTO DO PARQUE D. PEDRO II, EM 1954. ....  | 361 |
| FIG 2 - QUADRO ESTATÍSTICO DO CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO MUNICIPAL DE ALGUMAS CAPITAIS BRASILEIRAS DE 1872 A 1950. ....  | 363 |
| FIG 3 - "OS ARQUITETOS PAULISTANOS NÃO PERDEM TEMPO".....  | 364 |
| FIG 4 - 5 - 6 - CRESCIMENTO DA CIDADE DE 1905 A 1949.....  | 364 |
| FIG 7 - A ESCOLA COMO CENTRO DA COMUNIDADE. ....   | 369 |
| FIG 8 - DESENHO DE HÉLIO DUARTE COMPARANDO A ESCOLA ANTIGA COM O NOVO MODELO PROPOSTO. ....  | 369 |
| FIG 9 - JONES BEACH STATE PARK. ROBERT MOSES, 1929.....  | 370 |
| FIG 10 - SISTEMA DE PARQUES E PARKWAYS DE ROBERT MOSES PARA NOVA IORQUE.....   | 371 |
| FIG 11 - PARQUES E PLAYGROUNDS EM ÁREA ÀS MARGENS DO EAST RIVER EM NOVA IORQUE. ROBERT MOSES, NOVA IORQUE.....   | 371 |
| FIG 12 - RIVERSIDE PARK, HENRY HUDSON PARK E PARKWAY. ROBERT MOSES, NOVA IORQUE. ....  | 372 |
| FIG 13 - PROPOSTA DE PARKWAYS E AVENIDAS EXPRESSAS EM NASSAY. ROBERT MOSES, NOVA IORQUE. ....  | 372 |
| FIG 14 – SISTEMA VIÁRIO PROPOSTO POR ROBERT MOSES PARA SÃO PAULO. ....   | 375 |
| FIG 15 - MODELO DE RODOVIA EXPRESSA, COM FAIXA CENTRAL PARA OS ÔNIBUS E CRUZAMENTO EM DESNÍVEL. ....   | 376 |
| FIG 16 - RODOVIA EXPRESSA DO RIO TIETÊ. ....   | 376 |
| FIG 17 - PARQUE NÁUTICO NA RODOVIA EXPRESSA DO TIETÊ. ....   | 377 |
| FIG 18 - PARQUE NÁUTICO MENCIONADO NO PROGRAMA DE MELHORAMENTOS PÚBLICOS DE SÃO PAULO, ROBERT MOSES.....   | 377 |
| FIG 19 - FLUSHING MEADOWS PARK. NOVA IORQUE, 1939.....   | 378 |
| FIG 20 - SÃO PAULO E SUAS PRINCIPAIS RODOVIAS INTERMUNICIPAIS. ....  | 380 |
| FIG 21 - MAPA DE SÃO PAULO, DE 1951, COM SOBREPOSIÇÃO DA PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE RODOVIAS EXPRESSAS E PARQUES FEITA POR ROBERT MOSES. ....  | 382 |
| FIG 22 - MAPA DE 1930 MOSTRANDO A ÁREA DO FUTURO PARQUE DO IBIRAPUERA. ....  | 385 |
| FIG 23 - ÁREA DO FUTURO PARQUE DO IBIRAPUERA EM "PLANTA GERAL DA VILLA CLEMENTINO ABRANGENDO PARTE DAS VÁRZEAS IBIRAPUERA E CAAGUASSU. 1928" COM PROJETO DE PROLONGAMENTO DA AVENIDA BRASIL..... | 386 |
| FIG 24 - MONTAGEM DO PROJETO DE DIERBERGER SOBRE MAPA DE SÃO PAULO DE 1929 MOSTRANDO SUAS CONEXÕES VIÁRIAS PRINCIPAIS. ....  | 386 |
| FIG 25 - PROJETO DE REYNALDO DIERBERBER PARA O PARQUE DO IBIRAPUERA. 1930.....   | 387 |
| FIG 26 – MARIANNENPARK. LEBERECH MIGGE, LEIPZIG, 1911-4.....   | 387 |
| FIG 27 - STADTPARK DE HAMBURGO. FRITZ SCHUMACHER, 1922.....  | 388 |
| FIG 28 - PISCINA PÚBLICA NO PARQUE DO IBIRAPUERA. PRJETO DE DIERBERGER, 1930. ....   | 388 |
| FIG 29 - PERSPECTIVA DO EIXO CENTRAL DO PROJETO DE DIERBERGER PARA O PARQUE DO IBIRAPUERA. ....  | 389 |
| FIG 30 - FOTO AÉREA DA ÁREA DO PARQUE DO IBIRAPUERA COM MARCAÇÕES NOSSAS. 1930.....  | 390 |
| FIG 31 - DETALHE DA SITUAÇÃO DO PARQUE DO IBIRAPUERA NO PLANO DE AVENIDAS, 1930.....   | 390 |
| FIG 32 - ESTUDO DE DIERBERGER PARA O PARQUE DO IBIRAPUERA, 1932.....   | 391 |

|   |     |
|---|-----|
| FIG 33 - PROJETO PARA O PARQUE DO IBIRAPUERA DA 7ª SEÇÃO DA DIVISÃO DE OBRAS PÚBLICAS DA PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 1933.....   | 392 |
| FIG 34 - PERSPECTIVA DA AVENIDA ITORORÓ (23 DE MAIO) CONECTANDO O PARQUE DO ANHANGABAÚ AO PARQUE DO IBIRAPUERA. ....                    | 393 |
| FIG 35 - PROJETO PARA O PARQUE DO IBIRAPUERA, 1948. ....  | 394 |
| FIG 36 - REVISÃO DO PROJETO PARA O PARQUE DO IBIRAPUERA, 1949. ....   | 394 |
| FIG 37 - ÁREA DO PARQUE DO IBIRAPUERA EM MAPA DE 1951. VEMOS SUA CONEXÃO COM O CENTRO, OS BAIRROS-JARDINS E A CIDADE UNIVERSITÁRIA..... | 396 |
| FIG 38 - ÁREA DO IBIRAPUERA EM MAPA DE 1943. ....   | 396 |
| FIG 39 - FOTOMONTAGEM DO PROJETO DA PREFEITURA EM MAPA DE 1951. ....  | 399 |
| FIG 40 - FOTOMONTAGEM DO PROJETO DE CHRISTIANO STOCKLER DAS NEVES EM MAPA DE 1951.....  | 399 |
| FIG 41 - PROJETO DE CHRISTIANO STOCKLER DAS NEVES PARA O PARQUE DO IBIRAPUERA, 1951.....  | 401 |
| FIG 42 - ESTUDO DO ENCONTRO DA AVENIDA BRASIL COM A AVENIDA 23 DE MAIO NOS TERRENOS DO IBIRAPUERA. ....                                 | 402 |
| FIG 43 - ESQUEMA GERAL PROPOSTO PELA EQUIPE DE PLANEJAMENTO DOS LOCAIS DESTINADOS À REALIZAÇÕES DOS EVENTOS COMEMORATIVOS. ....         | 404 |
| FIG 44 - ANTEPROJETO PARA O PARQUE DO IBIRAPUERA. EQUIPE DE PLANEJAMENTO, 1951. ....  | 404 |
| FIG 45 - CONJUNTO "TEATRO- ANFITEATRO-CIRCO" NO PLANO DA EQUIPE DE PLANEJAMENTO. ....   | 405 |
| FIG 46 - ESTUDO DA EQUIPE DE OSCAR NIEMEYER PARA O PARQUE DO IBIRAPUERA, MAIO DE 1952. ....   | 406 |
| FIG 47 - ESTUDO DA EQUIPE DE OSCAR NIEMEYER PARA O PARQUE DO IBIRAPUERA, DE 30 DE MAIO DE 1952.....                                     | 406 |
| FIG 48 – ESTUDO DA EQUIPE DE OSCAR NIEMEYER PARA O PARQUE DO IBIRAPUERA, 1952.....  | 406 |
| FIG 49 - ANTEPROJETO DA EQUIPE DE OSCAR NIEMEYER, 1952. ....  | 408 |
| FIG 50 - MAQUETE DO PROJETO FINAL DA EQUIPE DE OSCAR NIEMEYER, 1953.....  | 408 |
| FIG 51 - PROJETO DEFINITIVO, 1953. ....   | 408 |
| FIG 52 - FOTO DA MARQUISE. ....   | 409 |
| FIG 53 - FOTO AEREA DA CONSTRUÇÃO DO PARQUE, 1953.....  | 409 |
| FIG 54 - CONEXÃO ENTRE A CIDADE UNIVERSITÁRIA E O CENTRO DA CIDADE. ....  | 412 |
| FIG 55 - PRIMEIRO ESTUDO DE CHRISTIANO STOCKLER DAS NEVES PARA A CIDADE UNIVERSITÁRIA, 1949. ....                                       | 414 |
| FIG 56 - ESTUDO PARA A CIDADE UNIVERSITÁRIA. ....   | 414 |
| FIG 57 - PARTE DE MAPA DA CIDADE DE SÃO PAULO MOSTRANDO A ÁREA DA CIDADE UNIVERSITÁRIA, 1951.....                                       | 414 |
| FIG 58 - 59 - ESTUDOS PARA A CIDADE UNIVERSITÁRIA.....  | 415 |
| FIG 60 - PROJETO DA CIDADE UNIVERSITÁRIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, APRESENTADO PELA COMISSÃO DA CIDADE UNIVERSITÁRIA EM 1954.....   | 417 |
| FIG 61 - PARKWAY DE ENTRADA DA CIDADE UNIVERSITÁRIA DA USP. ....  | 418 |
| FIG 62 – ESTUDO DE RINO LEVI PARA O CENTRO CÍVICO DA CIDADE UNIVERSITÁRIA, DE 29 DE DEZEMBRO DE 1952.....                               | 418 |
| FIG 63 - ESTUDOS DE RINO LEVI PARA O CENTRO CÍVICO DA CIDADE UNIVERSITÁRIA, 1952-3. ....  | 418 |
| FIG 64 - 65 - PERSPECTIVAS DE RINO LEVI PARA O CENTRO CÍVICO DA CIDADE UNIVERSITÁRIA, 1952-3. ....                                      | 419 |
| FIG 66 - PROJETO DE BURLE MARX PARA O CENTRO CÍVICO DA CIDADE UNIVERSITÁRIA DA USP, 1953. ....  | 422 |

|  |     |
|--|-----|
| FIG 67 - PRAÇA ATRÁS DA REITORIA. ....   | 423 |
| FIG 68 - PRAÇA AO NORTE DA REITORIA. ....  | 423 |
| FIG 69 – SISTEMA VIÁRIO DA CIDADE UNIVERSITÁRIA ANTES DA PROPOSTA DE DUARTE. ....              | 427 |
| FIG 70 - REFORMULAÇÃO DO SISTEMA VIÁRIO DA CIDADE UNIVERSITÁRIA. HÉLIO DUARTE, 1956. ....      | 427 |
| FIG 71 - PLANTA DE SITUAÇÃO DO CENTRO CÍVICO DA CIDADE UNIVERSITÁRIA. HÉLIO DUARTE, 1956. .... | 427 |
| FIG 72 - PERSPECTIVA DO CENTRO CÍVICO DA CIDADE UNIVERSITÁRIA. HÉLIO DUARTE, 1956. ....        | 427 |
| FIG 73 - PROJETO DE LYSANDRO PEREIRA DA SILVA PARA A CIDADE NÁUTICA, 1955. ....                | 429 |
| FIG 74 - OS QUATRO ANÉIS DO <i>GREATER LONDON PLAN</i> . ABERCROMBIE, 1944. ....               | 431 |
| FIG 75 - EXEMPLO DE UNIDADE DE VIZINHANÇA DE PURDOM. ....                                      | 433 |
| FIG 76 - MODELO ADOTADO POR LEFEVRE PARA SÃO PAULO, 1952. ....                                 | 434 |
| FIG 77 - ESQUEMA REPRESENTATIVO DO PLANO DIRETOR DE SÃO PAULO. CARLOS LODI, 1957. ....         | 436 |
| FIG 78 - PLANTA DA CIDADE CONTENDO ANÁLISES E PROPOSTAS DE CARLOS LODI, 1957. ....             | 437 |

## NOTAS DO CAPÍTULO 5

- <sup>1</sup> Cf. dentre outros: FOLHA da Manhã. É preciso frenar o excessivo espraiamento de São Paulo. In: *Folha da manhã*. jan, 1954, capa; MELLO. 1945; MELLO. 1953; MELLO. 1955.
- <sup>2</sup> ESTADO de São Paulo. *Quarto Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo*. São Paulo: Estado de São Paulo, 1954, p.545-82.
- <sup>3</sup> Para calcular este índice a autora considerou determinados espaços que aqui não tratamos como parques, quais sejam: o Largo 7 de abril e a Praça Alexandre de Gusmão. De qualquer forma, o índice é significativo e dá uma boa referência. KLIASS. 1993, p.59.
- <sup>4</sup> Sobre o tema, cf.: FERNANDES, F. *A Revolução Burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.
- <sup>5</sup> ARRUDA, M. A. N. *Metrópole e Cultura: São Paulo no meio século XX*. Bauru: EDUSC, 2001, p.17-8.
- <sup>6</sup> “A locomotora do Brasil” e “a cidade que mais cresce no mundo” eram expressões recorrentes na imprensa ao referir-se a São Paulo nos anos 50.
- <sup>7</sup> MARTINS, C. *Arquitetura e Metrópole: alguns elementos para a caracterização do contexto arquitetônico em São Paulo, anos 40 e 50*. In: *II Seminário Docomomo Brasil*. Salvador: EDUFBA, 1997, p.4.
- <sup>8</sup> MELLO. 1953, p.98.
- <sup>9</sup> MELLO. 1955, p.2.
- <sup>10</sup> CEZAR FILHO, R.; CAMARGO, A. A. *Coisas de Urbanismo: São Paulo e seus problemas*. In: *Revista de Engenharia Municipal*, v.1, n.3, jul., 1956, p.42. Cezar Filho formou-se engenheiro-arquiteto na Escola Politécnica de São Paulo em 1929, trabalhou sob direção de Freire na Prefeitura Municipal e de 1953 a 1954 foi Diretor do Departamento de Urbanismo.
- <sup>11</sup> Confirma o número 4 da revista *Habitat*, de 1951. Faziam parte da Comissão Executiva os arquitetos: Eduardo Corona, Roberto Tibau e Oswaldo Corrêa Gonçalves.
- <sup>12</sup> DUARTE, H. *Problema Escolar e a Arquitetura*. In: *Habitat*, n. 4, jul., 1951, p. 5.
- <sup>13</sup> Cf. TUNNARD, C. *The City of Man*. New York: Charles Scribner’s Sons, 1953, p.253.
- <sup>14</sup> MARTINS. 1997, p.11.
- <sup>15</sup> Foi, de 1940 a 1944, coordenador do Escritório de Assuntos Inter-Americanos, e de 1939 a 1958 presidente do MoMA, quando assume o governo de Nova Iorque, ficando no cargo até 1973. De 1974 a 1977 foi vice-presidente dos Estados Unidos.
- <sup>16</sup> Os consultores eram Sidney H. Bingham, William S. Chapin, Frederic Alva Collins, Richard H. Gould, Arthur S. Hodgkiss, William H. Latham, Thorndike Saville, Sidney M. Shapiro, George E. Spargo e Harry Taylor. Os relatórios foram divididos em: planejamento e levantamento cartográfico, zoneamento, transporte coletivo, rodovias arteriais e trânsito, retificação e urbanização, parques e praças de recreio, abastecimento de água, rede de esgoto e eliminação do lixo, e, finalmente, financiamento. MOSES. 1950, p.6-8.
- <sup>17</sup> HALL. 1996, p.289-295.
- <sup>18</sup> MOSES, R. *The Expanding New York Waterfront*. S/L: S/N, 1964, p.4-17; MOSES, R. *Public Works and Beauty: the philosophy of Triborough*. S/L: S/N, S/D; [http://www.nycgovparks.org/sub\\_about/parks\\_history/historic\\_tour/history\\_robert\\_moses\\_modern.html](http://www.nycgovparks.org/sub_about/parks_history/historic_tour/history_robert_moses_modern.html). Visitado em outubro de 2007.
- <sup>19</sup> Os efeitos de suas obras foram visíveis ainda no boom expansionista dos bairros suburbanos do pós-guerra. Cf. HALL. 1996, p.289-295.
- <sup>20</sup> CARO, R. *The Power Broker*. Robert Moses and the fall of New York. New York: Alfred Knopf, 1974.
- <sup>21</sup> Como comenta Pearlman, em 1944 Moses publica um artigo extremamente crítico aos ‘long-haired planners’, dentre eles Gropius. O contra-ataque de Hudnut foi rápido, rebateu as críticas e infligiu-lhe outras tantas. Cf. PEARLMAN. 2000, p.201-4.
- <sup>22</sup> É conhecido o efeito bombástico do livro de Jacobs, *The Death and Life of Great American Cities* (aqui usamos a versão castelhana: *Muerte y Vida de las Grandes Ciudades*. Madrid: Península, 1967) no cenário urbanístico internacional; bem como do livro de Robert Caro, na desconstrução crítica do trabalho de Moses.
- <sup>23</sup> MOSES. 1950, p.12.

- <sup>24</sup> “Já se formularam planos para a continuação [da Avenida Anhangabaú] rumo ao sul da rota do Vale do Anhangabaú, desde a Praça da Bandeira, ao longo do vale, afim de ligá-la com o Parque Ibirapuera. Aconselhamos que estes planos sejam levados a efeito e que a nova artéria se prolongue em direção sudeste, para que venha e vá à nova ponte a ser construída sobre o Canal do Pinheiros. Assim haveria uma rota expressa desde a área circunvizinha ao Canal do Pinheiros, de rápido crescimento, até o centro.” MOSES. 1950, p.40.
- <sup>25</sup> Idem. p.13.
- <sup>26</sup> Idem. p.47.
- <sup>27</sup> Acerca de parques e áreas de recreio ao longo do rio Pinheiro, “reservar-se-iam áreas à margem oriental do Canal, para recreação pública e semi-pública” num total de 40 ha. Idem. p.53.
- <sup>28</sup> Cf. Capítulo 4.
- <sup>29</sup> Idem. p.56.
- <sup>30</sup> Ibidem.
- <sup>31</sup> MOSES. 1950, p.16.
- <sup>32</sup> Ibidem.
- <sup>33</sup> HALL. 1996, p.289-295.
- <sup>34</sup> Maia havia proposto 12 parques periféricos ao longo dos dois rios e Moses, como vemos, apenas quatro.
- <sup>35</sup> Tal como se aprecia em comentário publicado na Revista de Engenharia, em 1951: “Os relatórios dos técnicos norte-americanos, - singelos, objetivos e, principalmente, escritos com a preocupação de não ferir susceptibilidades, - não podem deixar de ser acolhidos favoravelmente por quantos reconheçam que, em assuntos tão complexos como são os de natureza urbanística, os conselhos e sugestões de técnicos autorizados, sejam daqui ou de acolá, são sempre úteis e jamais devem ser rejeitados.” S/A. Bouvard e Moses. In: *Revista de Engenharia*, v.9, n.101, p.2-3.
- <sup>36</sup> Maia diria que foi a afirmação da imprensa de que com o Plano Moses ‘em diante’ a cidade passava a ter diretrizes para o seu crescimento o que havia animado os ciúmes e a revolta dos técnicos locais, bem como o seu uso político: “Essa é a origem de toda a salsada, de que certamente estarão admirados os próprios autores do relatório”. MAIA. 1951, p.5-27.
- <sup>37</sup> Idem. p.6.
- <sup>38</sup> Idem. p.7. Por aqueles anos, a influência do urbanismo modernista se havia difundido sobremaneira e encontrava forte eco nas concepções de um terceiro grupo de urbanistas, que se formou a partir dos anos 30, e que logo passou a atuar nos poderes públicos, como: Luis Saia, Oswaldo Corrêa Gonçalves e Roberto Cerqueira Cesar.
- <sup>39</sup> MOSES. 1950, p.17.
- <sup>40</sup> MAIA. 1951, p.23.
- <sup>41</sup> Algumas são extremamente ácidas, como as de Abelardo de Souza publicadas no ano seguinte ao relatório de Moses. Cf. SOUZA, A. Programa de Melhoramentos para São Paulo. In: *Habitat*, v.I, n.2, jan.-mar., 1951.
- <sup>42</sup> OLIVEIRA. 2003.
- <sup>43</sup> PIRES DO RIO, J. *Relatório*. São Paulo: PMSP, 1926a, p.10-11.
- <sup>44</sup> Veja o capítulo 3.
- <sup>45</sup> PANZINI. 1993, p.214-5.
- <sup>46</sup> Esta disposição aparecerá posteriormente de modo muito similar no traçado da Cidade Universitária da USP até 1956, em que uma avenida principal de entrada se abre para a criação de seu centro cívico, como se verá adiante.
- <sup>47</sup> DIERBERGER, R. O Parque Municipal do Ibirapuera, em São Paulo. In: *Revista Architectura e Construções*, v.1, n.11, jun., 1930, p.34.
- <sup>48</sup> MAIA. 1930, p.IV.
- <sup>49</sup> Idem. p.343-4.
- <sup>50</sup> FELDMAN. 1996, p.22.
- <sup>51</sup> Para uma apreciação completa das atividades realizadas pela Comissão, cf. OLIVEIRA. 2003, p.147.

- <sup>52</sup> Relembremos que o cassino era um elemento presente em distintos parques no Brasil, como no Parque do Barreiro em Araxá, e que seguia aparecendo como parte do programa desta tipologia de espaço livre, em que destacamos ainda o projeto de Oscar Niemeyer para Pampulha, de 1942.
- <sup>53</sup> É criada também a “Comissão Pró – Monumento a São Paulo e Urbanização do Jaraguá,” vinculada à Comissão do IV Centenário, com o objetivo de “transformar esse próprio estadual em aprazível parque público e centro de turismo, e se orienta num sentido altamente educativo e de profunda evocação histórica para a comemoração do IV Centenário de São Paulo e da epopéia das Bandeiras”. Se o Parque do Ibirapuera era a evocação do presente e do futuro, o Parque do Jaraguá era a rememoração do passado “glorioso”, deveria contar a história do “povo” paulistano, ilustrada pela referência aos desbravadores e bandeirantes aclamados como heróis iniciais do processo de construção da identidade paulistana. Nas evocações históricas pensadas para figurar no parque, havia dez vultos que deveriam ser considerados, dentre eles Martim Afonso de Souza, primeiro Governador Geral das Terras do Brasil e donatário da Capitania de São Vicente, além de Bandeirantes como Antonio Raposo Tavares e Fernão Dias Pais, aclamados pelas respectivas epígrafes: “rei do Bandeirantismo” e “o caçador de esmeraldas”. Todas as demais realizações no parque deveriam explicitar esta história e fariam menção aos feitos dos seus principais nomes passados, como: a “Praça Manoel da Nóbrega”, o “Pouso das Bandeiras”, o “Monumento ao Tropeiro”, a “Esplanada de Anchieta”, dentre outros tantos. Outros planos se sucedem até 1961, quando se cria o Parque Estadual do Jaraguá. COMISSÃO Pró-Monumento a São Paulo e Urbanização do Jaraguá. *Plano Jaraguá*. 1951.
- <sup>54</sup> Neves diria em relato de 1952 ao Governador do Estado que: “O predomínio da classe industrial nos festejos do IV Centenário foi a causa de se abandonar a Cidade Universitária para local da Exposição Internacional. Os industriais preferiram o Ibirapuera porque estavam pleiteando uma área de 500.000 metros no mesmo, para construir o Palácio da Produção, que ficaria, assim, anexo à exposição.” NEVES, C. S. *Relato de Christiano Stockler das Neves a respeito da Comissão do IV Centenário*. 11 jan. 1952b.
- <sup>55</sup> A fundação do MAM em 1948 contou com a colaboração do MoMA através do contato de Ciccillo Matarazzo com Nelson Rockefeller.
- <sup>56</sup> NEVES, C. S. *Parecer a respeito de um projeto realizado pela Prefeitura Municipal*. São Paulo: Comissão do IV Centenário, 11 set. 1951b.
- <sup>57</sup> Idem.
- <sup>58</sup> Idem.
- <sup>59</sup> NEVES, C. S. *Carta de Christiano Stockler das Neves para Robert Moses*. 16 jan. 1955.
- <sup>60</sup> NEVES. 1951b.
- <sup>61</sup> Para uma análise detalhada dessa proposta veja: OLIVEIRA, F. L. ‘Para o bem de São Paulo, para o belo em São Paulo’: uma proposta de Christiano Stockler das Neves para o Parque do Ibirapuera. In: *Anais do VII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*, Salvador: UFBA, 2002, CD-ROM e OLIVEIRA. 2003, p.193-214.
- <sup>62</sup> NEVES. 1952b.
- <sup>63</sup> NEVES, C. S. *Carta de Christiano Stockler das Neves para o Governador do Estado de São Paulo, o Sr. Dr. Lucas Nogueira Garcez*. 24 mar. 1952a.
- <sup>64</sup> Cf. [http://www.itaucultural.org.br/ApplyExternas/enciclopedia\\_IC/index.cfm?fuseaction=artistas\\_biografia\\_esp&cd\\_verbete=5059&lst\\_palavras=&cd\\_idioma=28557&cd\\_item=1](http://www.itaucultural.org.br/ApplyExternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia_esp&cd_verbete=5059&lst_palavras=&cd_idioma=28557&cd_item=1). Consultado em 06 de dezembro de 2007.
- <sup>65</sup> Ícaro de Castro Mello era professor da FAUUSP e arquiteto de reconhecida vinculação modernista, tendo atuado, sobretudo, no projeto e construção de complexos esportivos.
- <sup>66</sup> Cf. Capítulo 3.
- <sup>67</sup> Do mesmo período são as de Madrid (1930), da Cidade do México, de Tucuman, de Caracas etc. Para um breve resumo sobre o tema confira: S/A. *Cidades Universitárias*. In: *Arquitectura*, .55-56. S/D.
- <sup>68</sup> Cf. CAMPOS, E. S. *Cidade Universitária da Universidade de São Paulo: Aspectos Gerais do Planejamento e Execução*. São Paulo: Comissão da Cidade Universitária da Universidade de São Paulo, 1954; MARQUES, V. A. *A Inserção do Campus da Cidade Universitária “Armando Sales de Oliveira”, na malha urbana da cidade de São Paulo*. São Paulo: Escola Politécnica da USP, Dissertação de Mestrado, 1998, p.48-69; CABRAL, N. A. *Universidade de São Paulo: Modelos e projetos*. São Paulo: FAUUSP, Tese de Doutorado, 2004.
- <sup>69</sup> REALE, M. *Minhas memórias da USP*. In: *Estudos Avançados*, v. 8, n.22, 1994, p.27.
- <sup>70</sup> Idem. p.29.

- <sup>71</sup> Cf. biografia de Mello no site [www.urbanismobr.org](http://www.urbanismobr.org). Consultado em 01 de dezembro de 2007.
- <sup>72</sup> NEVES, C. S. Parecer relativo à escolha do local para a Exposição Internacional do IV Centenário de Fundação da Cidade de São Paulo. São Paulo: Comissão do IV Centenário, 1951a, p.1-2.
- <sup>73</sup> FERREIRA, B. Singular a situação presente no Ibirapuera. In: *Correio Paulistano*, 27 mai. 1962.
- <sup>74</sup> CAMPOS. 1954.
- <sup>75</sup> S/A. A Cidade Universitária. In: *Revista de Engenharia*, v.9, n.101, p.3.
- <sup>76</sup> Conquanto essas aproximações se farão nitidamente, as relações entre a arquitetura e o plano verde na Cidade Universitária não se pautarão em blocos conjugados, senão na idéia de blocos isolados tal como a *unité d'habitation* de Marselha, construída entre 1947 e 1952.
- <sup>77</sup> CAMPOS. 1954, p.107.
- <sup>78</sup> LEVI, R. *Centro Cívico da Cidade Universitária*. Auditório e Biblioteca Centrais. São Paulo: relatório datilografado, Jun. 1953. Este documento foi encontrado no Setor de Projetos da Biblioteca da FAUUSP, junto aos projetos que realizou para a área.
- <sup>79</sup> CAMPOS. 1954, p.111.
- <sup>80</sup> Idem. p.114.
- <sup>81</sup> GIEDION, S. Le Brésil et l'architecture contemporaine. In: *L'Architecture d'aujourd'hui*, n.43, 1952a, p.3.
- <sup>82</sup> "Mais sa visite n'eut d'autre résultat que de provoquer des <<headlines>> ridicules dans les journaux de New-York." Ibidem.
- <sup>83</sup> Para cada um deles define ao menos uma característica específica. De Costa, valora sua discrição, modestia e sua "delicada sensibilidade", sobre Niemeyer afirma ser possuidor de "*l'imagination la plus fascinante*"; em Rino Levi sua capacidade de dar soluções simples aos problemas mais complexos, em Marcelo Roberto por sua capacidade de resolver os problemas técnicos sem que a capacidade artística de sua obra desapareça e, por fim, Affonso E. Reidy é lembrado pela sua principal obra, o conjunto de Pedregulho. Cf. Ibidem.
- <sup>84</sup> GIEDION. 1952b, p.14.
- <sup>85</sup> OLIVEIRA. 2003, p.303-14.
- <sup>86</sup> Burle Marx busca inserir seus projetos considerando fortemente o entorno, o que em muitos casos significou a opção por desenhos mais sinuosos em locais inseridos ou vizinhos a reservas naturais, como foi o caso dos que realizou para as residências Odette Monteiro, 1948, Olivo Gomes, 1950 e Alberto Kronsfoth, 1955; e de outros mais regulares e geométricos, como o fez nos parques do Ibirapuera, do Flamengo, nos jardins da C. U. da USP, etc.
- <sup>87</sup> CAMPOS. 1954, p.125.
- <sup>88</sup> Idem. p.126-7.
- <sup>89</sup> Ver capítulo 3.
- <sup>90</sup> DUARTE, H. *Comissão da Cidade universitária "Armando de Salles Oliveira"*. São Paulo: Relatório, 1956; ANAIS CIENTÍFICOS. *Cidade Universitária "Armando de Salles Oliveira – Universidade de São Paulo"*. São Paulo: Anais Científicos, n.75, ano XXII, p.2. Cf. também: FERRAZ, G. Cidade Universitária da Universidade de São Paulo. Uma constatação polêmica dos resultados do plano e da execução das obras no Butantã. In: *Habitat*, n.27, fev., 1956, p.5-10. Neste artigo Geraldo Ferraz comenta a necessidade de revisão do plano da Cidade Universitária, no sentido de conformá-lo às condições econômicas do Estado. Criticava ainda a excessiva monumentalidade dos blocos e a falta de um centro social.
- <sup>91</sup> BALTHAZAR, J. M. O Parque Náutico. In: *Revista Engenharia Municipal*, v.I, n.3, jul., 1956, p.31-4.
- <sup>92</sup> Idem. p.33.
- <sup>93</sup> Ibidem.
- <sup>94</sup> Idem. p.34.
- <sup>95</sup> CHOAY. 1970, p.75.
- <sup>96</sup> CARDIM FILHO, C. A. G. Problemas Urbanísticos da Cidade. In: *Revista de Engenharia*, dez., 1950, p.154-6.
- <sup>97</sup> CEZAR FILHO.; CAMARGO. 1956, p.42.

<sup>98</sup> Idem. p.47.

<sup>99</sup> Cf. CEZAR FILHO.; CAMARGO. 1956, p.42-7.

<sup>100</sup> LEFEVRE, H. N. Espaços livres urbanos. In: *Revista Engenharia*, v.X, n.116, jul., 1952, p.407. Comenta que com a formação das nações, no final da Idade Média, e com a queda dos regimes absolutistas, as antigas propriedades dos senhores feudais e dos monarcas passaram ao uso público, mesmo que como parques anexos a palácios, jardins botânicos e zoológicos. Dividia a população em grupos etários e os espaços livres poderiam ser exclusivos para cada grupo: crianças até 6 anos, crianças em idade escolar (7-11 e 13-18 anos) e adultos, tal como Mello defendia. Fala que usar 10 acres / 1000 hab. tornaria os loteamentos caros, mas que seria possível se aproximar desse número se se colocassem as maiores áreas verdes na periferia da cidade, onde os terrenos eram mais baratos.

<sup>101</sup> LEFEVRE, H. N. Planejamento e problemas de São Paulo. In: *Revista Engenharia*, v.XI., n.126, fev., 1953, p.142.

<sup>102</sup> Lodi havia trabalhado com Prestes Maia de 1938 e 1945. Cf. LEME. 1999, p.510; LODI, C. O plano diretor de São Paulo. In: *Revista de Engenharia Municipal*, n.8, 1957, p.17-22.

<sup>103</sup> Lodi, em texto de 1954, descrevia a experiência britânica, afirmando, que: “*é um dos mais conhecidos, admirados, citados e estudados do mundo*”. Descreve ainda outros planos diretores, como os de Milão e de Florença, demonstrando profundo conhecimento das experiências urbanísticas contemporâneas. LODI, C. Considerações sobre pontos fundamentais do planejamento urbano. In: *Acrópole*, v.XVI, n.186-7, mar., 1954, p.379.

<sup>104</sup> LODI. 1957, p.20.

<sup>105</sup> Citado em FELDMAN. 1996, p.45.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Articular os debates urbanísticos com as preocupações e formas de criar parques e sistemas de parques para a São Paulo moderna foi o eixo central desta tese. Ao longo dos capítulos buscamos demonstrar como a reflexão sobre a construção da cidade passava pela discussão de como os parques e sistemas de parques deveriam ser pensados como elementos fundamentais neste processo.

Chamamos a atenção para como foi ao mesmo tempo da emergência do urbanismo como disciplina no século XIX no continente europeu que aparece também a idéia de parque urbano moderno. Em resposta aos efeitos nocivos da revolução industrial - que havia rompido com o equilíbrio entre campo e cidade, áreas urbanizadas e natureza e desestruturado as relações físicas e sócio-econômicas prévias - buscaram-se métodos científicos para enfrentar a questão urbana. Vimos que se foram na Inglaterra e na Alemanha que o êxodo rural e o inchaço populacional urbano, o crescimento territorial inaudito, a ocupação excessiva do solo, a falta de moradia, a insalubridade, a poluição, a carência de áreas verdes, dentre outros, se fizeram visíveis de modo mais claro, foi ali também que se desenvolveram duas das principais correntes urbanísticas que influenciaram, em muito, os rumos do urbanismo no continente europeu e americano até basicamente a Segunda Guerra. As respostas atentas à cidade histórica, respeitadas dos traçados e da topografia existentes e aos ideários do pinturesco estiveram presentes tanto nos trabalhos do *Städtebau* da Europa continental, sobretudo com as contribuições de Stübben, Sitte, Eberstadt e outros; como nos do *Town Planning* britânico, desenvolvidos a partir das teorias de Howard por personagens como Unwin, Geddes e Abercrombie. Em ambos se marca distância dos tabuleiros cartesianos, dos grandes eixos e composições *Beaux-Art*, e é destacável sua importância na disseminação do verde nos projetos urbanos em sistemas articulados ao viário. A idéia moderna de parque urbano se difunde, então, concomitantemente com o desenvolvimento de mecanismos para intervir na cidade industrial. O parque e demais áreas verdes já não são apenas considerados dentro da chave do higienismo e como elementos de embelezamento urbano, refúgios de natureza dentro da cidade destinados tão somente ao passeio contemplativo para certos grupos sociais; mas sim, como espaços necessariamente públicos, que permeassem todo o espaço urbano atuando como elementos de planejamento e que passassem a promover, sobretudo a partir do final do século XIX, também a recreação ativa e a prática esportiva.

Chamamos a atenção para o fato de que esses modelos foram tomados como as principais referências na formação do urbanismo paulistano nas primeiras décadas do século XX. Como teriam sido eles os que primeiro enfrentaram com sucesso os problemas mencionados, propondo soluções de reconhecida qualidade, viam-se nestes exemplos os modelos a seguir no planejamento de São Paulo. Victor da Silva Freire, ao discutir sobre a necessidade de que se planejasse a cidade a partir dos princípios que se vinham forjando nos exemplos acima mencionados, foi um dos fundadores da disciplina urbanística em São Paulo e um dos primeiros a propor um plano sistemático de intervenção na cidade, antevendo as dificuldades que o crescimento industrial, urbano e populacional geraria. Ao contrário, portanto, de pautar-se no modelo haussmanniano, adota as posturas de Hénard, de atores do *Städtkbau* e do *Town Planning* britânico em favor de propostas cuidadosas com o tecido consolidado, que preservasse e criasse recantos pinturescos. A idéia de articulação entre um sistema viário radial-perimetral, baseado nos estudos de Hénard e de Stübben, com um sistema de parques emerge então nos debates sobre a expansão da cidade de São Paulo e permeará a grande maioria das propostas posteriores. Freire propõe a construção de um anel ao redor do centro - distribuindo o tráfico e conectando diferentes áreas verdes, inclusive os parques do Anhangabaú e do Carmo a serem criados – bem como radiais em direção às áreas de expansão. Além da construção desses dois parques centrais, Freire defende as análises de Hénard a respeito de Londres e difunde a necessidade de pulverizar inúmeras áreas verdes de pequeno e médio tamanho no tecido urbano paulistano. É esse o primeiro momento significativo em que as áreas verdes passaram a integrar-se sistematicamente a um plano de conjunto, ainda que de certa forma restrito. Se antes eram criadas para pesquisa botânica, embelezamento urbano e sob a ótica sanitária, passam então a tornarem-se instrumentos efetivos de planejamento urbano, elementos fundamentais da vida da cidade moderna e pensadas para o uso de toda a população. Como vimos, Bouvard, ao contrário do que o que havia realizado em Istambul e na Argentina, adota partido similar ao de Freire, seguindo-lhe os caminhos e aumentando, por sua vez, a escala de intervenção.

Em relação ao Parque do Anhangabaú, ocupou a várzea entre a colina e as novas áreas de expansão das elites, e seu projeto específico era coerente com as discussões urbanísticas e paisagísticas do momento. Articulou caminhos e canteiros sinuosos típicos da tradição pinturesca, com desenhos geométricos e uma avenida retilínea que o corta em sentido longitudinal, tal como presente em vários exemplos alemães. Foi pensado como primeiro exemplo de parque para a nova São Paulo em construção, dentro de uma clara perspectiva urbanística, articulando-se ao viário e conectando partes da cidade, além de promover um espaço belo e sano. Explicitaria ainda a modernidade da cidade que se reconfigurava a partir de

princípios urbanísticos e paisagísticos presentes nas principais discussões internacionais. O projeto para o Parque do Carmo (Parque D. Pedro II), por sua vez articulava o centro ao Brás e, de acordo com o interesse inicial de Cochet, promoveria amplas áreas esportivas e de jogos. Seu caráter público se fez evidente nos discursos do paisagista, que propôs atividades para todas as idades e setores sociais. A possibilidade de conectá-lo ao rio Tietê e aos Jardins do Ipiranga, através das várzeas, já aparece como idéia na década de 10, explicitando ainda mais como construir a cidade passava pelo pensamento de construir parques urbanos. Os dois parques centrais mencionados aparecem como os principais espaços públicos pensados dentro de um contexto de intervenções urbanísticas abrangentes na cidade no período.

Como vimos discutindo, desde os primeiros esforços de planejar a cidade como objeto total, por Freire e Bouvard, são notáveis as influências do planejamento urbano compreensivo alemão e britânico, interessado pelo pinturesco, pelo modelo cidade-jardim, pela geografia, pela história urbana e pela criação de sistemas de parques. O desenvolvimento dos bairros jardins na cidade era visto dentro dessa perspectiva, pelos personagens mencionados, como soluções ideais para unir residência e natureza nas áreas de expansão e a presença de Parker na cidade reforça ainda mais a difusão desse ideário. Uma de suas principais contribuições aos debates urbanísticos no momento foi a proposta de criação de um circuito de parques ao redor da cidade, aproveitando-se em grande medida das várzeas do Tietê e do Pinheiros. Aparece então a idéia de um *greenbelt* que pudesse controlar o crescimento urbano e garantir uma faixa verde para uso cidadão nos limites da cidade. Freire e Bouvard já haviam proposto anéis na zona central, mas é com o estudo de Parker que um cinturão periférico de parques entra nos debates sobre a cidade. Se na Europa, os anéis eram normalmente propostos em substituição às muralhas das cidades históricas em seus planos de expansão; em São Paulo, foram considerados ocupando os vales fluviais, inicialmente ao redor do centro e logo assumindo os leitos dos rios Tietê e Pinheiros.

Esta proposta influenciará fortemente os estudos para a regularização e canalização das águas do Tietê. Se antes, as soluções se atinham, maiormente, ao enfrentamento de questões técnicas; após o estudo do urbanista inglês passa-se a considerá-lo como um elemento fundamental da paisagem paulistana e que deveria ser incorporado nos planos de conjunto. Ulhôa Cintra e logo Saturnino de Brito demonstraram como a resposta aos problemas sanitários não deveria excluir uma solução bela, pinturesca e que proporcionasse à cidade enormes áreas de parques. Promover a prática esportiva seria uma de suas principais funções e deveriam atender toda a população. Cintra, na direção da Comissão de Melhoramentos do Tietê, apresenta estudos sistemáticos para a área, em que se verifica como a faixa verde primeira apresentada em 1922 se

amplia no estudo conjunto com Maia, de 1924 a 1926; transforma-se definindo parques menores ao longo do leito fluvial em estudo do mesmo ano – de modo mais próximo ao *Boulevard à Redans* de Hénard – para logo, em 1928, centrar-se na zona da Ponte Grande. Esta área foi historicamente mencionada como local propício para abrigar um parque, pelo menos desde meados da década de 10, antes mesmo, portanto, dos principais estudos para o rio Tietê. O que veio a ser conhecido como Parque Náutico – que demarcaria a entrada à cidade pelo norte e proporcionaria espaço para prática de esportes aquáticos – foi uma constante em distintas propostas até meados dos anos 50, quando finalmente as esperanças de vê-lo construído se esvanecem completamente.

Nos anos 20, coincidindo com os centenários de independência de países em toda a América Latina, a questão do nacional e do moderno permeou os debates de inúmeros campos disciplinares. Buscamos demonstrar como a busca pela criação de um jardim e parque urbano que pudessem ser considerados brasileiros aparece como questão fundamental para o pensamento paisagístico da primeira metade do século XX no cenário nacional, embora tenha sido muito pouco analisada pela historiografia. As dualidades entre moderno e arcaico, internacional e local, importação e construção de uma produção própria marcaram tanto as reações às referências de fundo *Beaux-Arts* e românticas, em produções vinculadas ao Neocolonial e ao modernismo, como personagens dentro do próprio ecletismo.

Na visão nacionalista de José Marianno Filho, a imagem desse jardim refletia um olhar atento para as experiências coloniais, buscando tradicionalizá-las como modelo a ser retrabalhado. Neste sentido, a noção de evolução e de determinismo do meio marcaria a existência de um jardim brasileiro tradicionalizado e as intervenções contemporâneas deveriam considerar, prioritariamente, os aspectos mesológico-sociais da nação e o processo de caldeamento das referências coloniais em solo brasileiro. Marianno Filho argumenta a respeito da prioridade do seu caráter de utilidade e adequação, defendendo amplos espaços de sombra e a utilização de espécies frutíferas indígenas e exóticas, em relação a decisões projetuais que pudessem ter em conta outras prerrogativas.

Stockler das Neves, por sua vez, partindo da defesa da tradição clássica e do conceito de “estilo”, argumenta que não se havia consolidado uma forma artística nacional, criticando severamente a eleição do barroco colonial como modelo. De acordo com o arquiteto, as miradas locais deveriam direcionar-se à tradição latina, francesa, como única referência de qualidade e válida para a elaboração de uma produção bela e adequada. Dierberger, por outro lado,

radicaliza na aceitação de influências internacionais, defendendo sua adaptação e alteração no sentido de construir jardins e parques específicos para cada caso. Para isso, argumentava ainda a favor da integração do jardim à arquitetura e do uso combinado de plantas autóctones e exóticas. O jardim brasileiro deveria, a seu ver, promover o uso combinado de gramado, flores e árvores; criar espaços de estar ao ar livre, em muitas situações sombreados; usar a água como elemento compositivo, de amenização das temperaturas e umidificação do ambiente, na medida do possível; além de explorar contrastes cromáticos no uso da flora. As linguagens projetuais difeririam em cada situação, mesclando referências de distintas conjunturas espaciais e temporais, sendo especialmente notável, sobretudo em seus projetos de parque ou de grandes áreas, maior aproximação a trabalhos germânicos. Nestes projetos, verifica-se certa complexidade programática, em que a incorporação de áreas esportivas se dá em vários exemplos.

Mina Klabin warchavchik, partindo dos debates modernistas da Semana de 1922, carrega de sentido simbólico plantas tropicais como o cacto, na busca de criação de um jardim moderno e nacional. Destacamos também como este procedimento era presente em outros cenários, sendo, portanto, insuficiente como proposição de um tipo de jardim com aspiração de exclusividade. A crítica ao refinamento acadêmico no uso de plantas e nas formas de composição é nítida em seu trabalho, embora não abandonasse completamente o uso de eixos compositivos e outros procedimentos presentes nas linguagens das quais buscava marcar distância. Sua curta e circunscrita carreira não matura proposições formais claras para a definição de novas linguagens projetuais para os jardins, conquanto tenha atuado no combate aos modelos paisagísticos vigentes no cenário paulistano e dado elementos de reflexão sobre como deveria ser o jardim moderno e brasileiro.

Chamamos a atenção, portanto, para o fato de que o uso de plantas autóctones não era nos anos 30 algo em si inexistente, mas pelo contrário se fazia por diversos profissionais. A ampliação do número de exemplares dada pelas viagens de coleta, bem como o caráter simbólico que lhe são infligidas é o que de fato marca diferença em relação a seu uso anterior até os anos 20.

Burle Marx insere-se como personagem decisivo nestes debates nos anos 30, já em seus trabalhos no Recife, reforçando a busca de uso de plantas autóctones e de dotá-las de forte simbolismo – que já era defendido em diversos aspectos por personagens como Marianno Filho, Dierberger e Mina Klabin – bem como se apropria de formas e procedimentos compositivos retomados do passado colonial. Retornando ao Rio de Janeiro, sobretudo a partir do projeto para

os jardins do MES, o movimento das formas e cores expressionistas articula-se a sua busca de criação de uma linguagem moderna e brasileira. A partir dos anos 40, a idéia de conservação, preservação da natureza e a sua maior aproximação aos trabalhos de grande escala se enfatizam, sendo o projeto para o Parque do Ibirapuera um momento de transição em direção aos projetos de parques posteriores. No projeto paulistano, predominaram – em relação aos gramados e proposição de plantio de árvores – os desenhos de jardins extremamente complexos e vibrantes, como continuidade dos jardins policrômicos que vinha desenvolvendo até então. Por outro lado, nos projetos de parques urbanos subseqüentes opta por um maior equilíbrio entre o uso de cores, gramados e árvores; bem como tende a desenhos mais geométricos, sobretudo nas proximidades de edifícios. Assim, reforçamos como inicia suas pesquisas na defesa da criação de um paisagismo moderno e nacional pela radicalização da inclusão de plantas autóctones, pela reafirmação de seu caráter simbólico e pela busca de referências no passado colonial. Incorpora as formas amebianas da arte moderna, os contrastes cromáticos e o movimento como elementos fundamentais de sua produção, para, a partir da Segunda Guerra, dedicar-se com maior profundidade ao tema do parque urbano. Portanto, sua trajetória aponta para a vontade de contribuir com um projeto coletivo de construção de uma nova imagem para a nação, a partir de uma conceituação particular de tradição, mas sobretudo com vistas para o presente e o futuro.

Destacamos também que estes personagens debatiam os temas da especificidade local e da universalidade de conceitos e formas dentro de um contexto em que a abstração universalista da arquitetura e do urbanismo modernistas se difundia mundialmente. Ressaltamos, portanto, que a defesa corbusiana de um verde genérico, composto pelo plano horizontal do gramado e pelas marcações verticais das árvores, não encontrou ressonância teórica predominante em nenhum dos personagens a pouco mencionados. Vale mencionar que tanto Marianno Filho, como Stockler das Neves, Dierberger e Burle Marx não renunciavam à questão da especificidade, da cor, das composições e do paisagismo como criação artística. Não deixamos de ressaltar que no caso da construção do Parque do Ibirapuera, se opta por uma proposta paisagística que justamente se pretendeu homogênea – em que os gramados e arborização eram dominantes, tal como pregado por Le Corbusier em seu modelo de cidade verde – e contrária ao estudo realizado por Burle Marx. Este modelo permeará de modo ainda mais evidente a construção das super-quadras de Brasília, com suas áreas abertas predominantemente verdes. Na nova capital, as atuações de Burle Marx se resumiram basicamente ao entorno de edifícios públicos, onde a especificidade de suas formas e cores foram admitidas. No restante do projeto urbanístico, é o modelo genérico das relações entre edifícios e o verde, pautado na *Ville Radieuse* corbusiana, que predomina.

A influência das concepções de Le Corbusier se fez de modo mais presente a partir da década de 30 no cenário brasileiro, embora seja destacável como já em suas apresentações em 1929 e em seu estudo para São Paulo suas soluções logo serão debatidas pelos urbanistas locais. Le Corbusier estrutura a nova cidade a partir da disposição norte-sul dos *gratte-terre*, articulando, ao extremo, arquitetura e circulação. Difere conceitualmente, desta forma, da solução radial-perimetral para o sistema viário citadino, então amplamente aceita por boa parte dos urbanistas atuantes no local no momento. Também radicaliza enquanto à difusão das áreas verdes e à criação de locais para a prática esportiva, que deveriam permear a totalidade da cidade. Nestes aspectos, verifica-se que distava da solução proposta por Hénard e defendida naquele então pelos principais urbanistas paulistanos no que tange à criação de várias e pequenas áreas verdes na área central e de outras maiores e destinadas ao esporte, na periferia. Ressaltamos ainda que sua defesa da recreação ativa e da prática esportiva casava com a propaganda de Anhaia Mello em favor de que fossem criadas áreas com essa finalidade em toda a cidade.

Retornando alguns anos, vemos como já nos *Grandes Melhoramentos*, de 1924 a 1926, proposto por Cintra e Maia se consolidava a opção pelo sistema radial-perimetral e pelo modelo de distribuição de áreas verdes de Hénard, que logo seriam questionados por Le Corbusier. Este estudo dos urbanistas locais oferece preciosos elementos para o entendimento dos debates sobre parque e cidade no momento, antecipando muito do que viria a ser proposto no Plano de Avenidas de 1930. O sistema radial-perimetral de vias e parques, como dito, permanece como conceito e adota-se uma escala intermediária entre os estudos urbanísticos prévios e os limites propostos por Parker. O Perímetro de Irradiação de matriz hénardiana se amplia e cria-se o segundo anel, intitulado “Circuito de Avenidas e Parques”. Neste, desenvolve-se a idéia de criação de parques ao longo do rio Tietê e se propõe sua conexão direta com o Parque D. Pedro II e com os Jardins do Ipiranga, tal como se aventava nos anos 10. Este anel contornaria a cidade, sobretudo em sua porção ocidental e através das áreas de várzeas, sugerindo, ainda que de modo tímido, a vontade de criação de um cinturão verde periférico. Também se defende a criação de um grande número de áreas verdes menores espalhadas pela cidade.

O Plano de Avenidas, entre a complexidade de uma proposta efetiva e as abstrações de um modelo teórico, representou um dos momentos mais significativos da história do urbanismo em São Paulo em termos da articulação entre sistema viário e de parques na estruturação da cidade. Com a proposta de Maia, o modelo radial-perimetral se consolida definitivamente, se intensificam as menções a Hénard e Stübben, conquanto também se amplie o leque de referências. O Perímetro de Irradiação continua como elemento central, bem como a criação das

avenidas radiais e a idéia de conexão direta da região da Ponte Grande, o Parque D. Pedro II e os Jardins do Ipiranga. O segundo anel descola-se do rio Tietê e, em sua face norte, passa a ocupar a área das linhas férreas e cria-se o terceiro anel, o “Circuito de Parkways”, ampliando-se, portanto, a escala da proposta em relação aos Grandes Melhoramentos de 1926. Tanto as radiais como os anéis conectariam áreas verdes em distintas escalas, tal como se vinha defendendo no urbanismo paulistano do período. Sobejamente pautado no modelo de *Boulevard à Redans*, o terceiro anel contornaria a cidade apropriando-se dos leitos do Tietê e do Pinheiros, e conectaria doze parques periféricos, que seriam em grande medida destinados ao esporte. Chamamos a atenção para o fato de que se com Parker, em 1919, se difunde a idéia de criação de um *greenbelt* – apropriada por Cintra em seus primeiros estudos para o rio Tietê e compartilhada por Maia nos Grandes Melhoramentos – o modelo de *Boulevard à Redans* de Hénard desenvolvido para ocupar a antiga área das muralhas de Paris passa a ser cada vez mais apropriado em São Paulo. Já destacamos como esteve presente em determinados planos de Cintra para a região do Tietê, sendo especialmente notável sua influência na definição do terceiro anel do Plano de Avenidas de Maia.

Uma das principais contribuições de Prestes Maia às discussões sobre a forma de inserção de áreas verdes nas cidades foi sua defesa da criação de cunhas verdes radiais do campo ao centro da cidade. A conexão entre campo e cidade através de uma via arborizada ou de área verde era solução que vinha sendo adotada desde momentos bastante anteriores, como se nota nos estudos de Loudon para Londres, de 1829; de Olmsted, para Boston, nos Estados Unidos, em 1881; de Stübgen, com os *park-promenaden*; aparecendo a partir dos anos 10 em forma de cunha ou de grande parque, em propostas de Eberstadt, Langen, Pepler, Bruno Taut, Le Corbusier etc. Embora estudos que tivessem adotado essa solução já fossem conhecidos anteriormente em São Paulo, foi Maia quem introduziu este conceito no cenário paulistano, tomando-o diretamente da proposta de Eberstadt, Möhring e Petersen para a *Gross-Berlin*, de 1910. Em São Paulo deveriam ser criadas nas baixadas fluviais, em especial ao longo das atuais Avenidas 9 de Julho e 23 de Maio, em forma de bairros-jardins cuneiformes.

O pinturesco que vinha sendo defendido por Freire e Cintra, passa a ser questionado por Maia em áreas densamente urbanizadas e nota-se, em estudos para áreas representativas, uma aproximação ao monumentalismo dos trabalhos de Agache, Hegemann e Burnham. A opção pela gradação entre o uso de forte geometria no centro a desenhos de caráter naturalístico na periferia, adotado por Maia, reflete argumentos de um grande número de urbanistas e

paisagistas, tais como: o próprio Agache, Joseph Stübben, Otto Wagner, Nelson Lewis, Thomas Mawson, George Burnap, dentre outros.

Maia propôs assim um sistema de parques radial-perimetral articulado ao viário, baseado nas proposições de Stübben e Hénard, em que acrescenta a idéia de cunhas verdes teorizada por Eberstadt. Os parques e demais áreas verdes, incluindo-se playgrounds, deveriam ser distribuídos em distintas escalas, devendo ser menores e mais numerosos no centro e nas áreas mais habitadas, e maiores na periferia. A idéia de um cinturão verde ao redor da cidade é considerada a partir da perspectiva de criação de uma parkway de contorno, que conectaria doze parques urbanos e organizaria a expansão urbana sem apresentar-se como limite definitivo da cidade.

O problema da teoria e prática, das dificuldades inerentes às transposições teóricas à realidade física, das questões a serem trabalhadas e das maneiras de fazê-lo, é fundamental na obra de Prestes Maia. Durante sua gestão como prefeito, foram notáveis as grandes remodelações para implementação do viário e criação de praças, embora das proposições iniciais para São Paulo, muito pouco tenha se efetivado em relação à construção de áreas verdes. Em resumo, houve a radicalização da busca de monumentalidade e do discurso da simplificação e geometrização formal das áreas verdes nas zonas urbanizadas; o que em muitos casos significou a redução de boa parte do verde dos espaços públicos existentes, tal como foi o caso do Parque do Anhangabaú e do Parque D. Pedro II.

No plano para Santos, logo após a viagem aos Estados Unidos, combina a reflexão sobre os planos regionais, o modelo de ocupação das unidades de vizinhança, e o modelo expansivo da cidade linear. As referências ao urbanismo modernista se fazem de modo mais forte, como a própria dispersão das edificações nas áreas verdes. Também aqui não nega sua futura expansão, mas ao mesmo tempo não deixa de organizar visualmente uma cidade delimitada, entre os morros, o mar, as avenidas e o parque linear. Defende o ideário cidade-jardim desde os primeiros trabalhos, sendo esta referência – bem como o uso das unidades de vizinhança – ainda mais marcante nas propostas do pós-guerra. Na década de 50, na estância Cristo Rei e no Jardim Umuarama, se atém a ambos modelos e onde também, sem negar essa possibilidade de crescimento urbano, precisa os limites das intervenções. Nestes outros planos analisados, os parques propostos, embora não claramente apresentados em seus projetos específicos, apresentam por sua vez soluções que se aproximam em grande medida aos referenciais

pinturescos. O parque central aparece em todos os casos, bem como as áreas esportivas e um certo limite verde em torno da cidade

Maia se insere em um momento no qual se constroem formas de afrontar os problemas citadinos no Brasil a partir do legado do XIX, incorporando elementos dos debates internacionais do turbilhão reflexivo da primeira metade do século XX. Participou ativamente da elaboração de reflexões sobre como intervir nas cidades em um momento em que problemas como a congestão urbana, o crescimento inaudito, a carência de parques e áreas verdes, dentre outros, eram crescentes. Não se tratou aqui de pontuar continuidades ou de reduzir sua obra a determinadas relações de influência, mas sim de identificar o horizonte de debate em que suas reflexões urbanísticas e sobre o espaço público moderno se moviam. Entre teoria e prática, saber e realizar, destacamos como mescla distintas experiências, interesses e possibilidades, e em que novamente parque e cidade aparecem como entidades estritamente articuladas.

O papel de Anhaia Mello no urbanismo paulistano foi fundamental, especialmente, na divulgação para vários grupos sociais da importância desta disciplina para a definição dos rumos da cidade e na defesa do controle do crescimento urbano. Pautou-se, já nos anos 20, em personagens do *Town Planning* britânico, como Unwin e Geddes; bem como em experiências de planejamento urbano e regional nos Estados Unidos, em que se podem mencionar os trabalhos de Nelson Lewis, Harland Bartolomew e de John Nolen, por uma parte, e da RPAA e do RPNYE, por outra. Dessa forma, advogava a favor de planos abrangentes, acordos com os interesses comunitários, como necessários para o alcance do bem-estar coletivo. Para isso, seria ainda a seu ver imprescindível, que as cidades não crescessem ilimitadamente, para evitar o processo de decadência descrito por Mumford das cidades em direção às necrópoles. O uso das novas tecnologias e técnicas modernas propiciaria, tal como defendido pela RPAA, a expansão regional em cidades satélites, conectadas por rodovias e envoltas em áreas verdes. No pós-guerra, as críticas aos planos modélicos e fechados, bem como a influência de Mumford, Geddes, das *New Towns* e do plano de Abercrombie para Londres se fazem dominantes em seus discursos. Assim, para o caso de São Paulo, Mello defendia a realização de um plano diretor que considerasse a reestruturação dos bairros com a criação de unidades de vizinhança, o aumento das áreas verdes, a criação de um cinturão verde que a contornasse e a construção de cidades-satélites jardins, em uma perspectiva regional.

Defendia que as urbes fossem imersas no verde, tal como no modelo cidade-jardim, assumindo por sua vez que as áreas verdes promovessem, acima de tudo, espaços para a recreação ativa.

Argumentava desde os anos 20 a favor da definição de “sistemas completos de recreio ativo”, para pessoas de todas as idades, baseando-se em grande medida no *Play Movement* estadunidense, no trabalho de distintas associações norte-americanas e de personagens como Bartholomew e Robert Moses na promoção de espaços desta natureza. Seu principal elemento deveria ser o *playground* e toda área verde existente ou em projeto deveria considerar a sua inclusão.

O pensamento urbanístico de Mello colocava-se nos anos 50 à contracorrente do processo que viria a caracterizá-la como grande metrópole, e suas previsões negativas efetivam-se em distintos aspectos. O notável e acelerado crescimento populacional, industrial e territorial de São Paulo enfrentava duas posturas claramente antagônicas. Por um lado, a crença no progresso como motor do bem-estar futuro articulava modernidade urbana com tal crescimento, apresentando uma visão ufanista e otimista do papel de São Paulo no cenário nacional e internacional; e por outro, tal como defendia Mello a partir do estudo de Mumford, clamava-se pelo controle como instrumento de combate do caos metropolitano e do desequilíbrio urbano que se vislumbrava. Embora suas idéias urbanísticas não tenham sido levadas a cabo e que São Paulo seja hoje uma das maiores regiões metropolitanas do mundo, Mello teve um papel fundamental nos debates de então e influenciou um conjunto importante de urbanistas, como Carlos Lodi, Cardim Filho, Cezar Filho, Lefevre e Lodi, e encontrou significativa repercussão nos estudos liderados por Le Bret. Coerente e incisivo, Mello apresentou-se como uma das principais vozes em prol da descentralização por cidades-satélites, da criação de unidades de vizinhança, do contato do homem com a natureza e do papel da recreação ativa nas áreas verdes.

Em comunhão com a expansão urbana e o crescimento econômico paulistano, notou-se um conjunto de esforços no sentido de promover a educação, cultura e artes no novo cenário metropolitano. A par do progresso material, elencavam-se maneiras de formar o homem moderno no momento em que São Paulo estava prestes a cumprir seus 400 anos de história. Neste contexto, as áreas verdes tiveram um papel fundamental, em distintas escalas, e tanto as construções do Convênio Escolar, como do Parque do Ibirapuera e da Cidade Universitária demonstram como se atrela o verde com a promoção da educação, da cultura e das artes. Em relação aos projetos liderados por Hélio Duarte, é nítido como se imbuíram dos debates promovidos por Mello acerca da reestruturação dos bairros através de unidades de habitação. A escola-parque seria o seu principal centro; articulando educação, recreação e vida social comunitária. Promovem-se então, equipamentos públicos, como escolas e bibliotecas, enormemente articulados a áreas verdes de pequeno e médio porte, destinados em grande

medida à recreação ativa e atividades vicinais, como instrumentos de construção cidadina e de formação social. O Parque do Ibirapuera, cuja construção vinha se gestando desde os anos 20, foi outros dos principais eventos em que se articularam áreas verdes, formação cultural e artística. Notou-se, como retomaremos mais adiante, câmbios substanciais nas formas de projetá-lo e de entender suas funções na escala metropolitana. A Cidade Universitária da USP concentra as reflexões sobre a construção da cidade moderna, em que as distintas atividades – residencial, sociais, recreativas, esportivas, educacionais, artísticas etc – estivessem distribuídas em um amplo parque.

Também se propõem projetos de grande escala, sendo o principal estudo o liderado pelo urbanista estadunidense Robert Moses, publicado em 1950. Persiste-se com o sistema radial-perimetral dos grandes modelos anteriores, acrescido de um enfoque regional. Moses retoma distintas idéias já defendidas por urbanistas locais, tais como: a proposta de Maia de criação de avenidas de acesso restrito, a construção do Parque Náutico e de outros parques ao longo do Tietê e do Pinheiros conectados por avenidas marginais, dentre outros. Em resumo, em termos de áreas verdes, Moses propõe que sejam essencialmente destinadas à recreação ativa – tal como Anhaia Mello vinha defendendo na cidade desde a década de 20 – e que se crie um sistema regional de recreio conectado por parkways. A inclusão das praias de Santos como parte do sistema remete para sua experiência prévia com a criação de Jones Beach e sua conexão a Nova York através de longa parkway, bem como encontra respaldo já no Plano Regional de Santos, de Prestes Maia. Em termos da criação de grandes parques urbanos, além do Parque Náutico, sugere a construção de outros três ao longo dos dois principais rios paulistanos. Argumenta ainda que se reformassem os parques existentes ou os projetos em desenvolvimento, tal como o Parque do Ibirapuera, para incluir maiores áreas para o recreio ativo e, à menor escala, que se construíssem 50 playgrounds.

A história dos projetos e idéias para a área do atual Parque do Ibirapuera é complexa e representativa das distintas concepções paisagísticas, urbanísticas e arquitetônicas presentes nos debates da primeira metade do século XX em São Paulo. A idéia de construir ali um parque urbano aparece no governo de Pires do Rio, já em 1926, dentro de um conjunto de propostas que consideravam a cidade como um todo. Desenvolviam-se então anteprojetos para a canalização e construção de parques ao longo do rio Tietê, por parte de Brito e Cintra, tendo o prefeito atuado junto ao governo estadual para transformá-los em realidade; parte dos *Grandes Melhoramentos de São Paulo*, de Maia e Cintra, se faz em sua gestão, bem como se encarrega a Maia a realização do Plano de Avenidas. Lembremos que Pires do Rio inicia os primeiros

trabalhos de saneamento da área do Ibirapuera, em que destacamos o devotado esforço de Manequinho Lopes no plantio de eucaliptos e no traslado do viveiro de mudas municipal para a área, o que foi fundamental para sua manutenção como terreno público. Logo o prefeito solicitaria a Reynaldo Dierberger o projeto específico para o Parque do Ibirapuera. Portanto, já nesse momento o parque aparece dentro de uma reflexão conjunta sobre os problemas citadinos e sobre a necessidade de se criarem parques urbanos.

Dierberger propõe um parque articulado aos principais eixos viários existentes e conectado ao entorno urbano imediato. Inserido dentro das reflexões sobre modernidade e nacionalidade do período, seu estudo para o Parque do Ibirapuera mescla referenciais diversos, em que considera a pesquisa e o uso de flora nacional, e se destacam elementos compositivos presentes na produção germânica desde o século XIX. Assume-os como adequados à criação de um parque urbano em São Paulo, em que advoga a favor do uso combinado de composições geométricas, de um grande eixo central e de elementos pinturescos. A riqueza programática é sobressalente e criam-se grandes áreas gramadas, bosques, tanques d'água, estádios, equipamentos esportivos, culturais, artísticos e com finalidade de estudo botânico e divulgação do amor pela natureza.

Maia, por sua vez, no Plano de Avenidas, divide o parque em duas áreas distintas, considerando-o como um dos doze parques periféricos e parte do duto radial verde que deveria implantar-se na Avenida Itororó (23 de Maio). Em 1945, reforça sua vontade de conectá-lo ao centro através da construção deste canal verde.

Vimos como nos outros estudos da década de 30, simplifica-se o programa do parque, aumentam-se as áreas gramadas e os passeios sinuosos; e como no final dos anos 40, opta-se pela criação de um parque paisagístico, a partir de uma complexa rede de traçados, gramados e lagos curvilíneos. Nestes primeiros estudos, embora tenha havido sistemáticas alterações programáticas e de desenho, mantém-se as principais atividades propostas inicialmente e mencionadas acima, ora em um parque com linguagem mais próxima a dos parques alemães, ora refletindo outros modelos paisagísticos mais atentos ao ecletismo francês e à produção inglesa. Em todos os casos, se propuseram como parques urbanos para todos os públicos, como elementos claros do planejamento citadino e onde a recreação ativa e o esporte encontravam espaços privilegiados. Nos anos 50, com as proximidades das comemorações do IV centenário de fundação da cidade, e dentro do conjunto de propostas que se realizavam; a realização do Parque do Ibirapuera, bem como da Cidade Universitária, emerge como possibilidade de construção de um dos principais símbolos da São Paulo metropolitana, da sua força e esperanças

de futuro. Assim, a vontade de construí-lo, que se arrastava desde os anos 20, ganha alento definitivo com a decisão final de que seria uma das principais sedes do programa das festividades e eventos do IV centenário. A representatividade simbólica era buscada em distintas linguagens projetuais, seja no ecletismo de matriz acadêmica de Stockler das Neves, seja dentro das concepções modernistas que marcariam o anteprojeto da Equipe de Planejamento e o proposto pelo grupo liderado por Oscar Niemeyer. Com a predominância da influência política de Ciccillo Matarazzo, vincula-se a busca de modernidade urbana com o modernismo.

Não nos esqueçamos que essa primeira equipe de 1951 possuía membros do IAB e dos departamentos municipais de Urbanismo e de Arquitetura e que propõem um esquema geral de melhoramentos para o IV centenário de São Paulo. Nota-se a conexão entre parques e áreas esportivas aos principais eixos viários, semelhantes aos presentes no Plano Moses; em que se verifica, à diferença daquele estudo, como a Avenida 23 de Maio já não corta a área do Ibirapuera ao meio, seguindo diretamente ao aeroporto; e principalmente que se pensa em um circuito de avenidas fechado ao redor da cidade, descolado do rio Pinheiros no setor noroeste e que percorreria também a zona leste. Chamamos a atenção ainda para como neste anel, aparecem: a Cidade Universitária, o Jóquei Clube, a Sociedade Hípica, o Aeroporto de Congonhas, o Parque do Estado, o Parque Náutico, um ginásio e velódromo e o Campo de Marte. No projeto específico que realizaram para o Parque do Ibirapuera, verifica-se uma proposta programática e de concepção de parque urbano radicalmente distinta das que se vinham desenvolvendo até então. Partindo das relações entre os volumes geométricos dos edifícios e o plano genérico do gramado, pisos e lagos, o projeto atinha-se a abstração do modelo da *Ville Radieuse* corbusiana para definir como deveria ser o parque urbano metropolitano, sem, contudo, indicar o uso de arborização. O modernismo adquiria importante relevo na cidade no pós-guerra, em que destacamos os trabalhos da Comissão do Convênio Escolar, sua eleição no caso do Ibirapuera e logo na Cidade Universitária.

Decide-se por contratar Niemeyer, que trabalha com um grupo de arquitetos paulistanos neste projeto. Niemeyer mantém a solução viária na entrada principal, a idéia de blocos geométricos implantados sobre o verde e a utilização dos lagos. A articulação entre os volumes, que no projeto da equipe anterior se fazia por um desenho de piso comum, transforma-se e passa a dar-se por uma grande marquise. O conjunto de edifícios conectados por uma marquise que aparece tracejado no estudo de 1951, em um papel absolutamente secundário na Invernada dos Bombeiros, é transformado e trazido por Niemeyer para a entrada do parque, passando a

demarcar o acesso principal e, na seqüência do desenvolvimento dos estudos, a conectar-se à grande marquise. Os lagos nas proximidades do Monumento às Bandeiras e no centro da área são unidos e passam, como todo o conjunto, por readequações de forma e tamanho. Em 1953, apresenta-se o projeto definitivo e no ano seguinte se inaugura o Parque do Ibirapuera, sem o auditório e a plataforma de entrada. Após a definição do conjunto arquitetônico e de sua implantação, decide-se pelo projeto paisagístico de Otávio Augusto Teixeira Mendes, que lhe propicia uma moldura verde formada por gramados e farta arborização. O parque deveria abrigar exposições sobre a indústria, os estados, as nações, sobre a história da cidade, dentre outras atividades e ter parte dos edifícios, incluída a marquise, demolidos após o final dos festejos, o que ao final não se faz.

Das propostas dos anos 20 até sua construção, o estudo do Parque do Ibirapuera desvela os distintos ideários e concepções de modernidade presentes nos debates arquitetônicos, urbanísticos e paisagísticos no país. Inserido desde o princípio em um pensamento global sobre a construção de parques na cidade, passou por inúmeros planos urbanísticos até que o evento do IV centenário lhe desse o sopro final, tornando-o símbolo da São Paulo moderna. Efetiva-se como o principal parque modernista brasileiro, almejando demonstrar o poderio paulistano no cenário nacional e internacional e promover – além de aprazível área verde para descanso e recreação – a cultura, as artes e a formação da população.

Também na Cidade Universitária a educação superior e tais funções, em conjunto com a residencial e a esportiva, deveriam se realizar em amplo parque público. Mello e Stockler das Neves tiveram importante papel nos planos iniciais para a Cidade Universitária e sugeriram que ali se realizassem os principais eventos comemorativos de 1954, o que não se concretiza. Já nos primeiros estudos vemos como o campus é projetado a partir de uma perspectiva paisagística, ao contrário do Ibirapuera, em que os traçados e disposição de quadras em muito se assemelham as de caminhos e canteiros de um parque urbano. Lembremos, neste sentido, que o eixo central, que já aparecia em 1949, se assemelha ao que o próprio Stockler das Neves projetaria para o Parque do Ibirapuera e ao proposto por Dierberger em seu estudo de 1930.

Tal qual no caso do Ibirapuera, a chamada de profissionais vinculados ao modernismo para participar nos trabalhos da Comissão da Cidade Universitária se faz. A sua construção era nitidamente parte fundamental do conjunto de eventos e atividades para a celebração do aniversário da cidade e Ciccillo Matarazzo, presidente da Comissão do IV Centenário e mecenas do modernismo, seguramente também influenciou nas decisões relativas à Cidade Universitária. Se o

Parque do Ibirapuera, o principal palco das atividades comemorativas, havia sido criado a partir dos traços de Oscar Niemeyer e como símbolo da metrópole moderna; também a Cidade Universitária deveria ser o cenário de atuação dos principais arquitetos modernos atuantes em São Paulo. Ambos, no pensamento dos organizadores, representariam o estado presente de desenvolvimento paulistano e colaborariam para a formação do futuro progressista almejado. Assim, em 1954, ano das comemorações, lança-se o relatório sobre a Cidade Universitária, em que se destacam os trabalhos de Rino Levi, Roberto Cerqueira Cezar, Ícaro de Castro Mello e do paisagista Burle Marx. A linguagem modernista – que se difundia em São Paulo no setor privado, que fora essencial nos trabalhos da Comissão do Convênio Escolar e que se efetivara no Parque do Ibirapuera – era também adotada na Cidade Universitária como signo de modernidade e de progresso. Stockler das Neves vê frustradas suas expectativas, tanto no Ibirapuera como na Cidade Universitária, onde também perdia influência.

O centro cívico foi tema chave nos debates sobre a Cidade Universitária. Rino Levi realiza alguns estudos para a área e possivelmente tenha contribuído para a chamada de Burle Marx para a realização do seu projeto paisagístico. Este – que no mesmo ano de 1953 realizara estudo para o Parque do Ibirapuera e para a Cidade Universitária do Rio de Janeiro – projeta o centro cívico do campus paulistano da USP, fato que é pouco ou nada tratado na historiografia sobre sua obra. Destacamos que, se se pensava na criação de uma cidade moderna verde, em que os blocos geométricos se implantariam em esplanadas gramadas e estariam cercados por árvores – tal como defendido pelo urbanismo corbusiano da *Ville Radieuse* e que ao final se optou no Ibirapuera e logo em Brasília – Burle Marx, pelo contrario, daria expressividade ao *core*, dotando-lhe de um projeto específico e diferenciador do resto dos espaços abertos abstratos. Diferentemente do proposto por Levi para o local, Burle Marx o subdivide em diversas praças, canteiros, grupos de palmeiras e espelhos d'água. Tal como anunciara no Ibirapuera e viria a realizar com maior força nos jardins do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, os desenhos geométricos adquirem aqui predominância. Portanto, a tendência ao maior uso de geometria em seus projetos de parque do período ganha corpo em São Paulo, com o projeto para o Parque do Ibirapuera e para o centro cívico da Cidade Universitária, para logo intensificar-se no Parque do Flamengo e outros estudos. As formas regulares que passa a utilizar no período sintonizam com o neoconcretismo vigente nas artes plásticas, bem como se apropria como forma de articular os blocos de edifícios e o entorno, o parque e a cidade. Os reflexos do impacto da crítica mumfordiana sobre a desagregação da vida comunitária causada pelo urbanismo modernista e especialmente dos debates do CIAM 8 sobre o *core* foram visíveis nas discussões brasileiras e

estiveram presentes nas revisões dos planos para a Cidade Universitária, especialmente no replanejamento de Hélio Duarte.

A Cidade Universitária e o Parque do Ibirapuera foram pensados como símbolos da metrópole que se consolidava. Apesar de terem sido propostos desde décadas anteriores, é apenas no contexto dos anos 50 que emergem como representantes do progresso e da vontade de formação de seus habitantes. Parque, educação, cultura e arte se articulam nestes dois exemplos, sendo a primeira um microcosmo da cidade moderna almejada, e que se consolidaria em Brasília, e o Ibirapuera, o principal esforço do momento de construção de um parque metropolitano moderno e brasileiro.

As reflexões sobre o controle da expansão territorial urbana, a inclusão de maiores áreas verdes e a construção de cidades-satélites em uma perspectiva regional adquire especial relevância nos discursos sobre o planejamento de São Paulo nos anos 50. Anhaia Mello, desde décadas anteriores, já advogava a favor destes preceitos, difundindo os trabalhos de Geddes, Mumford e da RPAA, dentre outros. Influenciados pelo discurso de Mello e pelo contexto de emergência da crítica à abstração dos planos gerais – em seu distanciamento da realidade e das necessidades da população – fortemente encampado pelas ciências humanas no pós-guerra, o *survey*, o zoning e a legislação passam a ter maior papel no pensamento urbanístico local. Destacamos que urbanistas locais como Cardim Filho, Cezar Filho, Lefevre e Lodi encampam a desconfiança dos planos fechados, ao mesmo tempo em que assumiam o ideário descentralizador e de renovação urbana a partir das unidades de vizinhança. O *Greater London Plan*, de 1944, de Patrick Abercrombie e os projetos de *New Towns* passam a ser considerados como modelos efetivos e equilibrados entre o plano geral e o desenho atento às necessidades comunitárias. Tais urbanistas dos setores públicos municipais defenderam então a criação de um plano diretor regional para São Paulo e para a solução dos problemas da região metropolitana pautado nestes referidos exemplos britânicos.

Nas soluções propostas pelos referidos urbanistas locais, o verde deveria consensualmente espalhar-se no tecido urbano, em distintas escalas, desde os playgrounds das unidades de vizinhança até os grandes parques urbanos e reservas naturais. O *greenbelt* ao redor da cidade também foi defendido como mecanismo de controle do crescimento urbano e espaço para a recreação, prática de esportes e reserva agrícola. Como se vêem nos diagramas de Lefevre e no esquema representativo do Plano Diretor de São Paulo de Lodi, os canais verdes em cunha partindo da periferia em direção ao centro reaparecem nos discursos e completariam o sistema

de áreas verdes. Essas áreas deveriam necessariamente estar conectadas por um sistema viário formado por vias de diferentes escalas, aptas a atender tanto a circulação local como a dos grandes fluxos metropolitanos. O papel do plano desvanece fortemente nos anos subsequentes, ao contrário da importância dos levantamentos, das leis, instruções e códigos de obras. Infelizmente, não se chega então a definir um plano diretor para a cidade dentro dos órgãos de planejamento, o que se dará apenas nos anos 70.

A análise do percurso das idéias acerca do parque urbano e dos sistemas de parques nos planos urbanísticos para a cidade nos mostra como desde os primeiros momentos em que se percebe a necessidade de realização de um plano de conjunto para ordenar o seu crescimento está presente a preocupação com a criação de áreas verdes. Se foi no começo da década de 10 que a nova disciplina urbanística galgou importância no cenário paulistano, foi também então que a idéia de parque urbano moderno e da criação de sistemas de parques como parte do plano da cidade aparecem. Foi notável como a influência do ideário urbanístico e paisagístico dos urbanistas do *Städtebau*, dos britânicos do *Town Planning* e de Hénard marcou as atuações de uma primeira geração de urbanistas na cidade, dentre eles Freire e Cintra (onde também podemos incluir os trabalhos de Bouvard). A partir destes referenciais se estabelecem as primeiras reflexões sobre como intervir na capital paulista, como deveriam ser seus parques e sistemas de parques. Aparece a idéia de criação de um sistema radial-perimetral de vias articulado a um de parques, em que se destacam a vontade de espalhar áreas verdes menores nas zonas urbanizadas, bem como o Perímetro de Irradiação e os dois parques centrais: o Anhangabaú e o Parque D. Pedro II. Se já então o entendimento da escala da cidade se expandia em direção aos rios Tietê e Pinheiro, é com a presença de Barry Parker que se demarca com clareza a necessidade de incluí-los definitivamente nos planos urbanísticos e de transformar suas várzeas em parques. Reforça-se então a difusão do já conhecido e defendido modelo de cidade-jardim, derivado para a construção de bairros-jardins, como solução para trazer o verde às áreas residências em expansão. Com os novos limites citadinos, passa-se a considerar definitivamente a transformação dos dois principais rios paulistanos não apenas a partir de pressupostos do higienismo, mas também considerando a criação de locais belos, aprazíveis e pinturescos, dentre eles: áreas de parques. Os planos de conjunto passam a incorporá-los, como o realizado por Cintra e Maia, de 1924 a 1926, e no Plano de Avenidas de 1930, como último anel do sistema radial-perimetral. Neste então, a esperança de que a cidade viesse a ter um grande número e vastas áreas verdes se vê refletida nas propostas e falas de inúmeros atores individuais. Destacamos que além dos largos, praças, do Jardim Público, dos dois parques centrais, do

Parque Villon, da construção dos bairros-jardins, decide-se pela construção do Parque do Ibirapuera e dos parques ao longo do Tietê e do Pinheiros. Este otimismo se faz ainda mais nítido no Plano de Avenidas, em que além da distribuição de playgrounds, praças e parques articulados aos dois primeiros anéis e às radiais, Maia, adotando o modelo de *Boulevard à Redans* de Hénard, cria o Circuito de Parkways articulando doze parques urbanos periféricos. Além dos referenciais herdados da primeira geração de urbanistas, Maia incorpora outras referências, como visto, e que, em termos das áreas verdes repercute especialmente na apresentação em São Paulo da idéia de criação de cunhas verdes radiais, que trariam o verde da periferia ao centro urbano, e na adoção da idéia de gradação entre desenhos geométricos e naturalísticos das áreas verdes em função da sua localização. Anhaia Mello contribui, dentre outros aspectos, fortemente na difusão das idéias de descentralização, de limitação do crescimento urbano, apoiando-se sobejamente no ideário do *Town Planning* britânico de Geddes, Unwin e Abercrombie, focando-se ao mesmo tempo nas reflexões de Mumford e da RPAA. No pós-guerra, destaca-se seu olhar para *Greater London Plan* e para as *New Towns*. Nesta trajetória, Mello sempre defendeu a inserção de áreas verdes a partir da criação de um sistema de recreio, em que se considerasse a escala da unidade de vizinhança, desde os grandes parques. O verde faria parte do planejamento da cidade, serviria como instrumento de controle do crescimento (greenbelt), promoveria melhores condições de vida e deveria necessariamente ser usado para a recreação ativa. Vê-se também como desde as primeiras décadas do século XX, a preocupação por criar imagens de modernidade urbana e de brasilidade permearam os discursos de arquitetos, urbanistas e paisagistas e o jardim e o parque urbano foram elementos indispensáveis nessas construções ideológicas. Os desenhos dos parques acompanharam as principais discussões internacionais, em que destacamos como passaram a ser entendidos como elementos urbanos essenciais para a vida moderna, conectar partes do tecido urbano, preencher vazios; promover o uso público, a recreação ativa e o esporte. Vimos como a influência alemã foi fundamental desde sobretudo os anos 10, mesclando-se ainda com outros referenciais, apropriações e alterações locais. Tomando como exemplo o Parque do Ibirapuera, notou-se como a complexidade programática foi pensada inicialmente como modo de atrair a todos os públicos, de promover a pesquisa, a cultura, as artes, a recreação e o esporte em espaço belo e sano; e que a decisão pela construção de um parque modernista nos anos 50 se fez como esforço de criação de uma nova imagem de modernidade urbana, em que a revisão de forma se fez ao mesmo tempo da revisão de programa, especialmente dedicado a exposições relativas aos festejos do IV Centenário, à cultura e às artes. Os planos para a Cidade Universitária também elucidam o papel do parque como base onde distintas atividades pudessem ocorrer na cidade moderna. Ainda em relação aos planos gerais, constata-se a consolidação do sistema radial-

perimetral no Plano Moses, a redução dos doze parques perimetrais presentes no Plano de Avenidas para quatro, a inserção das praias de Santos como parte do sistema de recreio e que as áreas verdes tivessem como finalidade a recreação ativa. Não se tratou de um plano inovador em relação aos debates que já se faziam na cidade, apesar de ter fornecido interessantes indicações que logo seriam apropriadas. Nos anos seguintes, vimos como o crescimento inaudito da metrópole e as idéias defendidas por Mello permearam os debates sobre o plano diretor da cidade e onde o verde deveria ter papel estrutural. Portanto, parque e cidade, paisagismo e urbanismo foram dualidades presentes nos debates de toda a primeira metade do século XX em São Paulo, não como conceitos antagônicos, mas articulados, e cuja comunhão se fazia necessária para a vida moderna. Buscamos ao longo da tese explicitar essas relações, fazer ver como o pensar sobre a cidade necessariamente levava a reflexões sobre seus parques e sistemas de parques.

## BIBLIOGRAFIA

A bibliografia aqui listada foi dividida por temas, e em livros e artigos, a fim de facilitar a localização dos títulos. Os temas eleitos foram: urbanismo, paisagismo, arquitetura e textos de referência, e separamos as obras internacionais das referentes ao Brasil. Vale destacar que em textos de referência incluímos títulos que partem de outros campos disciplinares – que não os mencionados anteriormente – e que foram usados especialmente na definição dos procedimentos metodológicos. No último apartado reunimos textos dedicados, em grande maioria, à história da cidade de São Paulo.

### TEORIA E HISTÓRIA DO URBANISMO INTERNACIONAL

- AAVV. *Treballs sobre Cerdà i el seu Eixample a Barcelona*. Barcelona: Ajuntament de Barcelona, 1992.
- ABERCROMBIE, P. *Town and Country Planning*. London: Oxford University Press, 1933.
- \_\_\_\_\_. *Greater London Plan 1944*. London: His Majesty's Stationery Office, 1945.
- ADAMS, T. *Regional Plan of New York and its Environs*. New York: S/N, 1929.
- AYMONINO, C. *Orígenes y desarrollo de la ciudad moderna*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1971.
- BARJAU, S. (et al.). *La formació de l'eixample de Barcelona*. Barcelona: L'Avenç-Olimpiada Cultural, 1990.
- BEEVERS, R. *The Garden city utopia: a critical biography of Ebenezer Howard*. New York: St. Martin's Press cop., 1988.
- BENÉVOLO, L. *Orígenes del urbanismo moderno*. Madrid: Celeste Ediciones, 1992.
- \_\_\_\_\_. *La Ciudad europea*. Barcelona: Crítica, 1993.
- CALABI, D. *Storia dell'urbanistica europea*. Questioni, strumenti, casi esemplari. Torino: Mondadori, 2000.
- CAPEL, H. *La Morfología de las ciudades: I Sociedad, cultura y paisaje urbano*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2002.
- CARO, R. *The Power Broker: Robert Moses and the fall of New York*. New York: Alfred Knopf, 1974.
- CERDÀ, I. *Teoría general de la urbanización y aplicación de sus principios y doctrinas a la reforma y ensanche de Barcelona*. Madrid: Imprenta Española, 1967.
- CHOAY, F. *El urbanismo: utopías y realidades*. Barcelona: Editorial Lumen, 1970.
- CIUCCI, G. (et al.). *La Ciudad Americana*. Barcelona: Gustavo Gili, 1988.
- COLLINS, G. R.; COLLINS, C. C. *Camillo Sitte and the birth of Modern City Planning*. London: Phaidon Press, 1965.
- COLLINS, G.; FLORES, C. R. *Arturo Soria y la Ciudad Lineal*. Madrid: Rev. de Occidente, 1968.
- CONFERENCE OF THE INTERNATIONAL PLANNING HISTORY SOCIETY (IPHS). *Planning models and the culture of cities/ Modelos urbanísticos y cultura de las ciudades*. Barcelona: 11th Conference of the International Planning History Society (IPHS), Escola Tècnica Superior d'Arquitectura Sant Cugat del Vallès, 2004.
- CREESE, W. L. *The Legacy of Raymond Unwin: a human pattern for planning*. Cambridge: The MIT Press, 1967.
- DE VRIES, J. *La urbanización de Europa: 1500-1800*. Barcelona: Crítica, 1987.

DIKANSKY, M. *La Ville Moderne: la circulation, l'habitation, le travail*. Paris: Aux Éditions de 'La bonne idée, 1927.

EBERSTADT, R. *Handbuch des Wohnungswesens und der Wohnungsfrage*. Jena: Verlag Von Gustav Fischer, 1920.

FISHMAN, R. *L'Utopie urbaine au XXe siecle: Ebenezer Howard, Frank Lloyd Wright, Le Corbusier*. Bruxelles: P. Mardaga, 1977.

FUNDACIÓ Catalana per a Recerca. *Cerdà: Urbs i Territori: uma visio de futur*. Barcelona: Fundació Catalana per a la Recerca, 1995.

FUNDACIÓN CULTURAL COAM. *Arturo Soria y el urbanismo europeo de su tiempo, 1894-1994*. Madrid: Fundación Cultural COAM, 1996.

GARCIA ESPUCHE, A.; GUÀRDIA, M. *Espai i societat a la Barcelona pre-industrial*. Barcelona: La Magrana, 1986.

GARNIER, T. *Une Cité industrielle : étude pour la construction des villes*. Paris: Philippe Sers, 1988.

GEDDES, P. *Cities in Evolution: and introduction to the Town Planning Movement and to the study of Civics*. London: Williams & Norgate, 1915.

\_\_\_\_\_. *The Ideal city*. Leicester: Leicester University Press, 1979.

\_\_\_\_\_. *Civics: une sociologie appliquée*. In: RONCAYOLO, M.; PAQUOT, Th. *Villes et civilisation Urbaine XVIIIe-XXe siècle*. Paris: Larousse, 1992.

GRAVAGNUOLO, B. *Historia del Urbanismo en Europa: 1750-1960*. Madrid : Akal, 1998.

GUIHEUX, A.; CINQUALBRE, O. (Orgs). *Tony Garnier l'oeuvre complète ouvrage publié à la occasion de l'exposition au Centre Georges Pompidou*. Paris: Centre Georges Pompidou, 1989.

HALL, P. *Ciudades del mañana*. Historia del urbanismo en el siglo XX. Barcelona: Ediciones Serbal, 1996.

HALL, P.; WARD, C. *Sociable cities: the legacy of Ebenezer Howard*. New York: J. Wiley, 1998.

HEGEMANN, W.; PEETS, E. *American Vitruvius: an architect's handbook of civic art*. New York : Architectural Book, 1922.

HÉNARD, E. *Etudes sur les transformations de Paris et autres écrits sur l'urbanisme*. Paris: L'Equerre, 1982.

HEYDECKER, W.; SHATTS, W. P. *Community Planning: a manual of practical suggestions for citizen participation*. New York: Regional Plan Association, 1938.

HILBERSEIMER, L. *The Nature of Cities origin, growth, and decline: pattern and form planning problems*. Chicago: Paul Theobald, 1955.

\_\_\_\_\_. *La Arquitectura de la gran ciudad*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1979.

HOHENBERG, P.; LEES, L. H. *The Making of Urban Europe: 1000-1950*. Cambridge, Massachussets: Harvard University Press, 1985.

HOWARD, E. *To-Morrow: a peaceful path to real reform*. London: Swan Sonnenschein & CO. Ltd Paternoster Square, 1898.

\_\_\_\_\_. *Garden Cities of To-morrow*. London: Faber and Faber, 1902.

\_\_\_\_\_. En réponse à Geddes. In: RONCAYOLO, M.; PAQUOT, Th. *Villes et civilisation Urbaine XVIIIe-XXe siècle*. Paris: Larousse, 1992.

JACOBS, J. *Muerte y Vida de las Grandes Ciudades*. Madrid: Península, 1967.

KOPP, A. *Town and Revolution: Soviet Architecture and City Planning 1917-1935*. London: Thames and Hudson, 1970.

LANGEN, G. *Städtpfan und Wohnungsplan*. Leipzig: Verlag von S. Hirzel, 1927.

- LAVEDAN, P. *Histoire de l'urbanisme*. v.III - Epoque contemporaine. Paris : Ed. Henri Laurens, 1952.
- LE CORBUSIER. *Urbanisme*. Paris: G. Crés, 1924.
- \_\_\_\_\_. *La Ville Radieuse: éléments d'une doctrine d'urbanisme pour l'équipement de la civilisation machiniste*. Paris : Fréal & Cie, reimpresión, 1964.
- \_\_\_\_\_. *Como concebir el urbanismo*. Buenos Aires: Infinito, 1967.
- \_\_\_\_\_. *La Ciudad del futuro*. Buenos Aires: Infinito, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Precisiones*. Respecto a un estado actual de la arquitectura y del urbanismo. Barcelona: Poseidon, 1978.
- \_\_\_\_\_. *A propósito del urbanismo*. Barcelona: Poseidón, 1980.
- \_\_\_\_\_. *The Le Corbusier archive: v.10 - Urbanisme, Algiers and other buildings*. New York: Garland Paris Fondation Le Corbusier, 1984a.
- \_\_\_\_\_. *The Le Corbusier archive: v.23 - Chandigarh*. New York: Garland Paris Fondation Le Corbusier, 1984b.
- \_\_\_\_\_. *La Cité Radieuse de Marseille*. Marseille: S. N., 1992.
- \_\_\_\_\_. *A Carta de Atenas*. São Paulo : Edusp/Hucitec, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Chandigarh la ville indienne de Le Corbusier le capitole, une oeuvre inachevée...* Paris: Somogy Musée des Années 30, 2002.
- LEGATES, R.; STOUT, F. (ed). *Early urban planning: 1870-1940*. London: Routledge Thoemmes Press, 1998.
- LEWIS, N. P. *Planning of the Modern City: a Review of the Principles Governing City Planning*. New York: John Wiley & Sons, 1916.
- LLOBET, X. *Mies y Hilberseimer: La metrópolis como Ciudad Jardín*. Barcelona: ETSAB, Tesis Doctoral, 2005.
- LUQUE, J. (coord). *Constructores de la Ciudad Contemporánea: aproximación disciplinar a través de los textos*. Madrid: Cie Inversiones Editoriales, 2004.
- MILLER, M. *Raymond Unwin: garden cities and town planning*. Leicester: Leicester University Press, 1992.
- MOHOLY-NAGY, S. *Urbanismo y sociedad: historia ilustrada de la evolución de la ciudad*. Barcelona: Blume, 1970.
- MONTEYS, X. *La gran máquina: la ciudad en Le Corbusier*. Barcelona: Colegio de Arquitectos de Catalunya/ Ediciones Serbal, 1996.
- MOSES, R. *Public Works and Beauty: the philosophy of Triborough*. S/L: S/N, S/D.
- \_\_\_\_\_. *The Expanding New York Waterfront*. S/L: S/N, 1964.
- MUELLER, H. *European Cities 1890-1930s: history, culture and the built*. London: John Wileystones, 2001.
- MÜLLER, N. L. *A Urbanização na América Latina*. São Paulo: Instituto de Geografia-USP, 1971.
- MUMFORD, E. *The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960*. Cambridge: The MIT Press, 2000.
- MUMFORD, L. *La Cultura de las Ciudades*. Buenos Aires: Emecé, 1957.
- \_\_\_\_\_. *La Ciudad en la Historia: sus orígenes, transformaciones y perspectivas*. Buenos Aires: Infinito, 1966.
- \_\_\_\_\_. *Storia dell'Utopia*. Bolonia: Calderini, 1969.
- OSBORN, F. J. *New Towns After the War*. London: J.M. Dent and Sons Ltd., 1942.
- \_\_\_\_\_. *Green-belt cities*. London: Evelyn, Adams & Mackay, 1969.

- OSBORN, F. J.; WHITTICK, A. *New Towns, Their origins, Achievements, and Progress*. London: Leonard Hill, 1963.
- \_\_\_\_\_. *The New Towns the answer to megalopolis*. Londres: Leonard Hill, 1969.
- PAWLOVSKI, C. *Tony Garnier le radici del funcionalismo*. Faenza: Faenza, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Tony Garnier pionner de l'urbanisme du XXème siècle*. Lyon: Les Création du Pélican, 1993.
- PEREIRA, J. R. A. *La Ciudad lineal de Madrid*. Barcelona: Caja de Arquitectos, 1997.
- PERRY, C. *The Neighborhood Unit: from the Regional Survey of New York and Its Environs, v.VII, Neighborhood and Community Planning*. New York: Routledge, 1929.
- PICCINATO, G. *La costruzione dell'urbanistica Germania 1871-1914*. Roma: Officina, 1974.
- PURDOM, C. B. *The Building of satellite towns: a contribution to the study of town development and regional planning*. London: J. M. Dent & Sons, 1925.
- \_\_\_\_\_. *How should we rebuild London?* London: J.M. Dent & Sons Ltd., 1945.
- RAMOS, A. M. *Lo Urbano em 20 autores contemporáneos*. Barcelona: Edicions UPC, 2004
- RENÉ, J. *Tony Garnier constructeur et utopiste*. Paris: Philippe Sers, 1989.
- RIBA. *Transactions of the Town Planning Conference, Oct. 1910*. London: RIBA, 1910.
- RIDRUEJO, F. S. *Ildefonso Cerdà y la evolución urbana de Barcelona*. S. I., S. N., 1972.
- RONCAYOLO, M. *Histoire de la France urbaine. La ville de l'âge industriel*. Paris: Seuil, 1983.
- ROVIGATTI, M. *Tony Garnier: architetture per la città industriale*. Roma: Officina, 1985.
- RUBIO, M. A. M. *La Ciudad lineal de Arturo Soria*. Madrid: Colegio Oficial de Arquitectos, 1991.
- S/A. *Cerdà urbs i territoris: una visió de futur*. Barcelona: Fundació Catalana per a la Recerca, Madrid Electa, S/D.
- S/A. *Unit 23: The Garden City*. Walton Hall, Milton Keynes: The Open University Press, 1975.
- SCHORSKE, C. E. *Fin-de-siècle : Vienna, politics and culture*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1980.
- SERT, J. L. *Can our cities survive? An ABC of urban problems their analysis, their solutions based on the proposals formulated by the C.I.A.M.* Cambridge: Harvard University, 1942.
- SICA, P. *Historia del Urbanismo. Siglo XIX*. Madrid: IEAL, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Historia del Urbanismo. Siglo XX*. Madrid: IEAL, 1981.
- SITTE, C. *A construção das cidades segundo seus princípios artísticos*. São Paulo: Ática, 1992.
- SJOBERG, G. *The Preindustrial City: Past and Present*. Illinois: The Press of Glencoe, 1960.
- SORIA MATA, A. *Tratados de urbanismo y sociedad*. Madrid: Clan, 2004.
- SORIA Y PUIG, A. *Cerdà: las cinco bases de la teoría general de la urbanización*. Madrid: Electa, 1996.
- STEIN, C. S. *Toward new towns for America*. Chicago: The University Press of Liverpool, 1951.
- STÜBBEN, J. *Handbuch der Architektur: Unter Mitwirkung von Fachgenossen*. Darmstadt: Verlag Von Arnold Bergstrasser, 1890.
- SUTCLIFFE, A. *Towards the Planned City: Germany, Britain, the United States and France, 1780-1914*. Oxford: Basil Blackwell Publisher, 1981.
- TAUT, B. *Escritos 1919-1920*. Madrid: El croquis, 1997.
- \_\_\_\_\_. *La Corona della città (die stadtkrone)*. Milano: Gabriele Mazzotta cop., 1973.
- TORRES CAPELL, M. *Inicis de la urbanística municipal de Barcelona*. Barcelona: Ajuntament de Barcelona-Corporació Metropolitana, 1985.

UNWIN, R. *Town Planning in Practice: an introduction to the art of designing cities and suburbs*. London: T. Fishcer, 1911.

WALDHEIM, C. (ed.) *Hilberseimer, Mies van der Rohe: Lafayette Park Detroit*. Munich: Prestel, 2004.

WARD, S. *The Garden City: past, present and future*. London: E & FN Spon, 1992.

WARREN, H; DAVIDGE, W. R. *Decentralization of population and industry: a new principle in town planning*. London: P.S. King & Son, Ltd., 1930.

WEBER, M. *La ciudad*. Madrid: Ed. La Piqueta, 1987.

WIEBENSON, D. *Tony Garnier the cite industrielle*. New York: G. Braziller, 1969.

WRIGHT, F. L. *La Ciudad viviente*. Buenos Aires: Compañía General Fabril, 1961.

## TEORIA E HISTÓRIA DO URBANISMO NO BRASIL

ACKEL, L. G. M. *Attílio Corrêa Lima: um urbanista brasileiro (1930-1943)*. São Paulo: Universidade Mackenzie, Dissertação de Mestrado, 1996.

AGACHE, A. *Cidade do Rio de Janeiro: extensão, remodelação e embelezamento*. Paris: Foyer Brésilien editor, 1930.

ANAIS CIENTÍFICOS. *Cidade Universitária "Armando de Salles Oliveira – Universidade de São Paulo"*. São Paulo: Anais Científicos, n.75, ano XXII.

ANDRADE, C. R. M. *A Peste e o Plano: o urbanismo sanitaria do Eng. Saturnino de Brito*. São Paulo: FAUUSP, Dissertação de mestrado, 1992.

\_\_\_\_\_. *Barry Parker – um arquiteto inglês na cidade de São Paulo*. São Paulo: FAUUSP. Tese de Doutorado, 1998.

BACELLI, R. *A presença da Cia. City em São Paulo e a implantação do primeiro bairro jardim 1915-1940*. São Paulo, 1982.

BRESCIANI, M. S. Permanência e ruptura no estudo das cidades. In: FERNANDES, A.; FILGUEIRAS, M. A. *Cidade & História – Modernização das cidades nos séculos XIX e XX*. Salvador: UFBA, 1990, p.11-26.

BRITO, S. *Defesa contra inundações*. In: Obras completas de Saturnino de Brito, v.XIX, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde / Instituto Nacional do Livro/ Imprensa Nacional, 1944.

CABRAL, N. *A Universidade de São Paulo: Modelos e projetos*. São Paulo: FAUUSP, Tese de Doutorado, 2004.

CAMPOS, E. S. *Cidade Universitária da Universidade de São Paulo: Aspectos Gerais do Planejamento e Execução*. São Paulo: Comissão da Cidade Universitária da Universidade de São Paulo, 1954.

CAMPOS NETO, C. M. *Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo*. São Paulo: FAUUSP, Tese de Doutorado, 1999.

CAMPOS NETO, C. M; GAMA, L. H. *São Paulo: metrópole em trânsito percursos urbanos e culturais*. São Paulo: Senac/PMSP, 2004.

DUARTE, H. *Comissão da Cidade universitária "Armando de Salles Oliveira"*. São Paulo: Relatório, 1956.

FELDMAN, S. *Planejamento e Zoneamento: São Paulo, 1947-1972*. São Paulo: FAUUSP, Tese de Doutorado, 1996.

FERNANDES, A. FILGUEIRAS, M. A. (orgs). *Cidade & História – Modernização das cidades nos séculos XIX e XX*. Salvador: UFBA, 1992.

HOLSTON, J. *The Modernist City: an anthropological critique of Brasília*. Chicago: University of Chicago, 1989.

- LEVI, R. *Centro Cívico da Cidade Universitária*. Auditório e Biblioteca Centrais. São Paulo: relatório datilografado, Jun. 1953.
- LEME, M. C. S. Revisão do Plano de *Avenidas*: um estudo sobre planejamento urbano, 1930. São Paulo: FAUUSP, Tese de Doutorado, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Urbanismo no Brasil, 1895-1960*. São Paulo: Studio Nobel/FUPAM/FAUUSP, 1999.
- \_\_\_\_\_. Formação do Urbanismo em São Paulo como campo de conhecimento e área de atuação profissional. São Paulo: FAUUSP, 2000.
- MAIA, F. P. *Estudo de um Plano de Avenidas para a cidade de São Paulo*. São Paulo: PMSP, 1930.
- \_\_\_\_\_. *Os Melhoramentos de São Paulo*. São Paulo: PMSP, 1945.
- \_\_\_\_\_. *Plano Regional de Santos*. São Paulo: S/N, 1950.
- MARIANNO FILHO, J. *Debates sobre Estética e Urbanismo*. Rio de Janeiro: Artes Gráficas, 1943b.
- MARQUES, V. A. *A Inserção do Campus da Cidade Universitária “Armando Sales de Oliveira”, na malha urbana da cidade de São Paulo*. São Paulo: Escola Politécnica da USP, Dissertação de Mestrado, 1998.
- MELLO, L. I. A. *Problemas de Urbanismo*: bases para a resolução do problema técnico. São Paulo: Boletim do Instituto de Engenharia de São Paulo, 1929a.
- \_\_\_\_\_. *Problemas de Urbanismo*: o recreio ativo e organizado das cidades modernas. São Paulo: Boletim do Instituto de Engenharia de São Paulo, 1929b.
- \_\_\_\_\_. *O Urbanismo... esse desconhecido*. São Paulo: Edições da sociedade “Amigos da Cidade”, 1952.
- \_\_\_\_\_. *Elementos para o planejamento territorial dos municípios*. São Paulo: Centro de Pesquisa e estudos urbanísticos, Boletim n.1, 1963.
- MEYER, R. M. P. *Metrópole e Urbanismo*, São Paulo Anos 50. São Paulo: FAUUSP, Tese Doutorado, 1991.
- MOSES, R. *Programa de Melhoramentos Públicos para São Paulo*. São Paulo, New York: International Basic Economy Corporation, 1950.
- NOGUEIRA, B. C. *Documentos sobre o urbanista L. I. R. de Anhaia Mello – I*. São Paulo: FAUUSP, 1986.
- PIRES, J. R. *Goiania – La ciudad Premoderna del “Cerrado”*: Modernidad y Ciudad Jardín en la urbanística de la nueva capital del Estado de Goiás. Barcelona: UPC, Tese de Doctorado, 2005.
- PIRES DO RIO, J. *Melhoramentos do Rio Tietê*. São Paulo: PMSP, 1926.
- \_\_\_\_\_. *Relatório*. São Paulo: PMSP, 1926a.
- RIBEIRO, L. C. Q.; PECHMAN, R. (orgs). *Cidade, povo e nação: Gênese do urbanismo moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- SEGAWA, H. *Prelúdio da Metrópole*: arquitetura e urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- SILVA, L. P. *Relatório - Comissão de Melhoramentos do Rio Tietê*. São Paulo: PMSP, 1950.
- SILVA, M. C. *O Plano de urbanização de Curitiba 1943 a 1963 e a valorização imobiliária*. São Paulo: FAUUSP, Tese de Doutorado, 2000.
- SILVA, L. N. P.; CAMARGO, M. V. M. *Dados Biográficos*: Francisco Prestes Maia. S/L: S/N, S/D.
- SIMÕES JR., J. G. *Anhangabaú: História e Urbanismo*. São Paulo: FAUUSP, 1995.
- SOMEKH, N. (org). *A cidade não pode parar*: planos urbanísticos de São Paulo no século XX. São Paulo: Mackpesquisa, 2002.
- SOUZA, M. A. A. *A identidade da metrópole: a verticalização em São Paulo*. São Paulo: EDUSP, 1994.

TOLEDO, B. L. *Prestes Maia e as Origens do Urbanismo Moderno em São Paulo*. São Paulo: Empresa das Artes, 1996.

TSIOMIS, Y. *Le Corbusier: Rio de Janeiro 1929-1936*. S/L: S/N, 1998.

ULHÔA CINTRA, J. F. *Sugestões para orientação do estudo de um plano geral de remodelação e expansão da cidade do Recife*. Recife: Imprensa Oficial, 1943.

YURGEL, M. *Urbanismo e Lazer*. São Paulo: Nobel, 1983.

## TEORIA E HISTÓRIA DO PAISAGISMO INTERNACIONAL

ALBERT, F. (ed). *Landscape into Cityscape: Frederick Law Olmsted's plans for a Greater New York City*. New York: Van Nostrand Reinhold Company, 1981.

BERJMAN, S. *Plazas y parques de Buenos Aires: la obra de los paisajistas franceses*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 1998.

BERMINGHAM, A. *Landscape and Ideology: The English rustic tradition*. London: Thames and Hudson, 1987.

BEVERIDGE, C; ROCHELEAU, P. *Frederick Law Olmsted: Designing the American Landscape*. New York: Rizzoli, 1995.

BRESSLER, E. *Chronological Summary, History of the Department of Landscape Architecture at Harvard University*. Cambridge: Department of Landscape Architecture of Harvard University, 1970.

BROWN, J. *El Jardín Moderno*. Barcelona: Gustavo Gili, 2000.

BUTLER, G. *The New play Areas: their design and equipment*. New York: A.S. Barnes and Company, 1938.

\_\_\_\_\_. *Introduction to Community Recreation*. New York: National Recreation Association/ McGraw-Hill Book Company, 1940.

CERAMI, G. *Il Giardino e la Città: Il progetto del parco urbano in Europa*. Roma: Laterza, 1996.

CHADWICK, G. F. *The Park and the Town in the 19<sup>th</sup> and 20<sup>th</sup> centuries*. London: The Architectural Press, 1966.

CHURCH, T. *Gardens are for people*. New York: Reinhold, 1955.

CLIFFORD, D. P. *A History of Garden Design*. London: Faber & Faber, 1962.

CLIFFORD, D. *Los jardines, Historia, Trazado, Arte...*. Madrid: Instituto de Estudios de Administración Local, 1970.

COUNTY of Santa Clara Planning Commission. *Plan for Parks, Recreation, and Open Space: an element of the general plan of Santa Clara County*. San Jose: County of Santa Clara Planning Commission, 1959.

CRANZ, G. *The Politics of Park Design: A History of Urban Parks in America*. Cambridge: Massachusetts, The MIT Press, 1982.

DAL CO, F. De los parques a la Región. In: CIUCCI, G. (et al.). *La Ciudad Americana*. Barcelona: Gustavo Gili, 1988, p.141-293.

ECKBO, G. *Landscape for living*. New York: Duell, Sloan, and Pearce, 1950.

FEIN, A. *Frederick Law Olmsted and the American environmental tradition*. New York: George Braziller, 1972.

FORESTIER, J. C. *Grandes Villes et Systèmes de Parcs*. Paris: Éditions Norma, 1997.

GOOD, A. H. *Park and Recreation Structures*. Washington D. C.: Department of the Interior, National Park Service, 1938.

HUBBARD, H. V.; KIMBALL, T. *Introduction to the Study of Landscape Design*. New York: Macmillan, 1917.

HÜLBUSCH I. M. "Everyone self-sufficient" – The urban garden colonies of Leberecht Migge (from the flight to the harmonious life of the countryside to the idea of socially involved garden architecture). In: BURCKHARDT, L. *The Werkbund: Studies in The History and Ideology of the Deutscher Werkbund 1907-1933*. London: The Design Council, 1980, p.66-71.

HUNT, J. D. *Gardens and the Picturesque: Studies in the History of Landscape Architecture*. Massachusetts: The MIT Press, 1992.

IMBERT, D. *The Modernist Garden in France*. New Haven and London: Yale University Press, 1993.

JELLICOE, G. *The landscape of civilisation: created for the Moody Historical Gardens*. Northiam, East Sussex: Garden Art Press, 1989.

\_\_\_\_\_. *El paisaje del hombre: la conformación del entorno desde la prehistoria hasta nuestros días*. Barcelona: Gustavo Gili, 2000.

KASSLER, E. *Modern gardens and the landscape*. New York: Museum of Modern Art, 1984.

KELLY, B. (et al.). *Art of the Olmsted Landscape*. New York: N.Y. City Landmarks Preservation Commission The Arts, S. D.

KOWSKY, F. R. *Country, park, & city the architecture and life of Calvert Vaux*. New York: Oxford University Press, 1998.

LAIRD, M. *The Formal Garden: traditions of art and nature*. London: Thames and Hudson, 1992.

MAASS, J. Public parks. In: BURCKHARDT, L. *The Werkbund: Studies in The History and Ideology of the Deutscher Werkbund 1907-1933*. London: The Design Council, 1980, p.57-65.

McHARG, I. *Design with Nature*. New York: Doubleday, 1966.

MIDDLETON, R.; WATKIN, D. *Neoclassical and 19<sup>th</sup> Century Architecture/I: The Enlightenment in France and in England*. London: Electra, 1987, p.8-64.

\_\_\_\_\_. *Architecture of the Nineteenth Century*. Milano: Electa Architecture, 2003.

MIGGE, L. *Leberecht Migge, 1881-1935*. Gartenkultur des 20. Jahrhunderts. Worpsweder Verlag, 1981.

MIRO, J. *Je travaille comme un jardinier*. Paris: Société Internationale d'Art du XX<sup>e</sup> Siècle, 1964.

MORALES, E. C. Alameda mexicana. Breve crónica de un viejo paseo. In: Catálogo de exposición *Alameda. Visión histórica y estética de la Alameda de la ciudad de México*. Milán: Arte editores, 2001.

NASH, J. B. *The organization and administration of playgrounds and recreation*. New York: A.S.Barnes & Company, 1927.

NATIONAL Recreation Congress. *The importance of recreation in modern life*. Atlantic City: Proceedings of the Twenty-second national recreation congress, 1937.

OLMSTED, F. L Jr; KIMBALL, T. (ed.). *Forty years of Landscape Architecture: Central Park, Frederick Law Olmsted Sr*. Cambridge: The MIT Press, 1973.

OLMSTED, F. L. *Public parks and the enlargement of towns*. Cambridge: Riverside Press, 1870.

\_\_\_\_\_. *The Papers of Frederick Law Olmsted (Creating Central Park)*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1983.

PANZINI, F. *Per I Piacere del Popolo*. L'Evoluzione del Giardino Pubblico in Europa dalle Origini al XX Secolo. Bologna: Ed. Zanichelli, 1993.

PETTENA, G.; ALEX, W. *Frederick Law Olmsted: l'origine del parco urbano e del parco naturale contemporaneo*. Firenze: Centro Di, 1996.

PRAA. *Play Areas: their Design and Equipment*. New York: Playground and Recreation Association of America/ A.S. Barnes and Company, 1928

PREGILL, P. *Landscapes in history: Design and Planning in the Eastern and Western tradition*. New

York: John Wiley & sons cop, 1999.

RAINWATER, C. *The Play Movement in the United States: a study of community recreation*. Chicago: University of Chicago, PhD Dissertation, 1921.

S/A. *New York parks: 1924-1949*. New York: Conservation department/division of Parks/State Council of Parks, 1949.

SHEPHEARD, P. *Modern Gardens*. London: The Architectural Press, 1958.

STEENSON, M. W. *Grüne Gemeinschaft: The Greening of German Modernist Architecture and Urban Planning*. Leberecht Migge, Bruno Taut, Hannes Meyer and Ernst May viewed through an Ecological Lens. S/L, S/N, 2003.

STREATFIELD, D. *California Gardens: Creating a New Eden*. New York: Abbeville Press, 1994.

TEYSSOT, G. (et al.). *L'Architettura dei Giardini d'Occidente dal Rinascimento al Novecento*. Milano: Electa, 1990.

\_\_\_\_\_. *The history of garden design: the western tradition from Renaissance to the present days*. London: Thames and Hudson, 1991.

THOMAS, K. *O Homem e o mundo natural: Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

TREIB, M. (ed.). *Modern Landscape Architecture: A Critical Review*. Cambridge: The MIT Press, 1993.

\_\_\_\_\_. *An Everyday Modernism: The Houses of William Wurster*. San Francisco: Museum of Modern Art Berkeley/ University of California Press, 1995.

TUNNARD, C. *Gardens in the Modern Landscape Design*. London: Architectural Press, 1948.

\_\_\_\_\_. *The City of Man*. New York: Charles Scribner's Sons, 1953.

VACHEROT, J. *Parcs et jardins au commencement du XXe siècle*. Paris: Octave Doin, 1908.

VON BUTTLAR, A. *Jardines: del Clasicismo y el Romanticismo: el jardín paisajista*. Madrid: Nerea, 1993.

WALKER, P.; SIMO, M. *Invisible Gardens*. Cambridge: The MIT Press, 1994.

WEIR, L. H. (ed.). *Parks: a manual of municipal and county parks*. New York: A.S. Barnes and Company, 1928.

WURMAN, R. (et al.). *The Nature of Recreation a handbook in honor of Frederick Law Olmsted using examples from his work*. Cambridge: The MIT Press, 1972.

## TEORIA E HISTÓRIA DO PAISAGISMO NO BRASIL

BARCELLOS, V. Q. *Os Parques como espaços livres públicos de Brasília*. São Paulo: FAUUSP, Tese de Doutorado, 1999.

BARDI, P. M. *The tropical gardens of Burle Marx*. Amsterdam: Colibris Editora, 1964.

BARTALINI, V. *Parques públicos municipais de São Paulo: a ação da municipalidade no provimento de áreas verdes de recreação*. São Paulo: FAUUSP, Tese de Doutorado, 1999.

BLOSSFELD, H. *Jardinagem*. São Paulo: Cia Melhoramentos de São Paulo, 1965.

BURLE MARX, R. *As áreas verdes no espaço urbano: panorâmica de la arquitectura latino-americana*. S/L, S/N, S/D.

\_\_\_\_\_. *Recursos paisagísticos do Brasil*. São Paulo: Instituto de Geografia-USP, 1975.

CADERNOS Brasileiros de Arquitetura. *Paisagismo*. São Paulo: Projeto Editores Associados, v.5, nov., 1978.

\_\_\_\_\_. *Paisagismo II*. São Paulo: Projeto Editores Associados, v.11, out., 1982.

- COSTA, L. *Desenhos de Roberto Burle Marx*. Catálogo de exposição. Rio de Janeiro: Galeria Olivia Kann, S/D.
- \_\_\_\_\_. *Roberto Burle Marx*. Catálogo de Exposição. Belo Horizonte: MAM, 1973.
- DIERBERGER & CIA. *Arte e Jardim*. São Paulo: S/N, 1928.
- DOURADO, G. O. *Modernidade Verde: Jardins de Burle Marx*. São Carlos: EESC/USP, Dissertação de Mestrado, 2000.
- ELIOVSON, S. *Jardins de Burle Marx*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1991.
- FAUUSP. *Roberto Burle Marx*. Museu – debates 1. São Paulo: FAUUSP, 1971.
- FERRAZ, G. *Roberto Burle Marx*. Catálogo de Exposição. São Paulo: MAM, 1974.
- GUARALDO, E. *São Paulo, paisagem e paisagismo na Primeira República*. São Paulo: FAUUSP, Dissertação de Mestrado, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Repertório e Identidade: espaços públicos em São Paulo, 1890-1930*. São Paulo: FAUUSP, Tese de Doutorado, 2002.
- KLIASS, R. G. *Espaços Livres Disponíveis, Espaços Livres Propostos*. São Paulo: DEPAVE, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Evolução dos parques urbanos na cidade de São Paulo*. São Paulo: FAUUSP, Dissertação de Mestrado, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Parques urbanos de São Paulo e sua Evolução na cidade*. São Paulo: Pini, 1993.
- KLIASS, R. G. A.; MAGNOLI, M. M. *Áreas verdes de recreação: município de São Paulo*. São Paulo: S/N, 1970.
- LIMA, C. L. *A Natureza na Cidade, a Natureza da Cidade*. São Paulo: FAUUSP, Tese de Doutorado, 1997.
- LOUREIRO, M. A. S. *A cidade e as áreas verdes*. São Paulo: PMSP/SSO/DEPAVE, 1979.
- MACEDO, S. S. *Quadro do paisagismo*. São Paulo: USP, 1995.
- MACEDO, S. S.; SAKATA, F. G. *Parques Urbanos no Brasil*. São Paulo: Edusp/IOESP, 2003.
- MACEDO, S. S.; ROBBA, F. *Praças Brasileiras*. São Paulo: Edusp/IOESP, 2003.
- MAGNOLI, M. M. Contribuição ao estudo dos espaços livres de uso público nos grandes aglomerados urbanos. São Paulo: FAUUSP, Tese de Doutorado, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Espaços livres e urbanização: uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana*. São Paulo: FAUUSP, Tese de Livre Docência, 1982.
- MARIANO, C. R. *Preservação e paisagismo em Otávio Augusto Teixeira Mendes*. São Paulo: FAUUSP, 2003.
- MARIANNO FILHO, J. *O Passeio Público do Rio de Janeiro: 1779-1783*. Rio de Janeiro, 1943c.
- MAURÍCIO, J. *Roberto Burle Marx*. Catálogo de Exposição. Rio de Janeiro: MAM, 1956.
- MONTERO, M. I. *Burle Marx: el paisaje lírico*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2001.
- MOTTA, F. L. *Roberto Burle Marx e a nova visão da paisagem*. São Paulo: Ig, 1983.
- MUSEU LASAR SEGALL. *Parque Modernista: uma luta comunitária*. São Paulo: Museu Lasar Segall, 1984.
- OLIVEIRA, F. L. *Projetos para o Parque do Ibirapuera: de Manequinho Lopes a Niemeyer (1926-1954)*. São Carlos: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da EESC-USP, Dissertação de Mestrado, 2003.
- PERECIN, T. *Azaléias e mandacarus: Mina Klabin Warchavchik, paisagismo e modernismo no Brasil*. São Carlos: EESC-USP, Dissertação de Mestrado, 2003.

QUEIROZ, P.; QUEIROZ, L.V.P.; BOFF, L. (orgs). *Roberto Burle Marx: Homenagem à natureza*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1979.

SANDEVILLE JR., E. *A herança da paisagem*. São Paulo: FAUUSP, Dissertação de Mestrado, 1993.

\_\_\_\_\_. *As Sombras da floresta*. Vegetação, paisagem e cultura no Brasil. São Paulo: FAUUSP, Tese de Doutorado, 1999.

SEGAWA, H. *Ao amor do público: Jardins no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1996.

SIQUEIRA, V. B. *Burle Marx: paisagens transversais*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

SOCIEDADE Amigos da Cidade. *São Paulo – cidade sem parques e sem áreas livres*. São Paulo: Edições da Sociedade “Amigos da Cidade”, 1950.

STESCHENKO, W. S. *Contribuição ao estudo e ao processo de produção da praça pública paulistana – o departamento de parques e áreas verdes de São Paulo de 1967 a 1979*. São Paulo: FAUUSP, Dissertação de Mestrado, 2001.

TABACOW, J. (org). *Roberto Burle Marx: Arte & Paisagem – Conferências escolhidas*. São Paulo: Nobel, 1987.

TANGARI, V. R. *Um outro lado do Rio*. São Paulo: FAUUSP, Tese de Doutorado, 1999.

TERRA, C. (coord). *Arborização: ensaios historiográficos*. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2004.

## TEORIA E HISTÓRIA DA ARQUITETURA INTERNACIONAL

BENÉVOLO, L. *Historia de la arquitectura moderna*. Barcelona: Gustavo Gili, 1975.

FERNÁNDEZ, R. *El laboratorio americano*. Arquitectura, geocultura y regionalismo. Madrid: Ed. Biblioteca Nueva, 1988.

GIEDION, S. *A Decade of New Architecture: 1937-1947*. Zurich: Ed. Girsberger, 1951.

\_\_\_\_\_. Affonso Eduardo Reidy and Contemporary Brazilian Architecture. In: FRANCK, K. *The Works of Affonso Eduardo Reidy*. Stuttgart: Verlag, 1960, p.07-11.

\_\_\_\_\_. *Espacio, Tiempo y Arquitectura: el futuro de una nueva tradición*. Madrid: Ed. Dossat, 1978a.

\_\_\_\_\_. *La Mecanización Toma el Mando: una contribución a una historia anónima*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1978b.

\_\_\_\_\_. *Building in France, Building in Iron, Building in Ferroconcrete*. Santa Monica: The Gaetty Center for the History of Art and the Humanities, 1995.

\_\_\_\_\_. La necesidad de una Nueva Monumentalidad. In: GIEDION, S. *Escritos Escogidos*. Murcia: Colegio Oficial de Aparejadores y Arquitectos Técnicos de Murcia, 1997a, p. 159-177.

\_\_\_\_\_. La Humanización de la Ciudad. In: GIEDION, S. *Escritos Escogidos*. Murcia: Colegio Oficial de Aparejadores y Arquitectos Técnicos de Murcia, 1997b, p.179-199.

\_\_\_\_\_. Sobre el Nuevo Regionalismo. In: GIEDION, S. *Escritos Escogidos*. Murcia: Colegio Oficial de Aparejadores y Arquitectos Técnicos de Murcia, 1997c, p. 201-216.

\_\_\_\_\_. Imaginación Espacial. In: GIEDION, S. *Escritos Escogidos*. Murcia: Colegio Oficial de Aparejadores y Arquitectos Técnicos de Murcia, 1997d, p.217-233.

\_\_\_\_\_. O Brasil e a Arquitetura Contemporânea. In: MINDLIN, H. *Arquitetura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999, p.17-8.

GROPIUS, W. *Alcances de La arquitectura integral*: Buenos Aires, ediciones La Isla, 1956.

HEREU, P.; MONTANER, J. M.; OLIVERAS, J. (orgs). *Textos de arquitectura de la modernidad*. Madrid: Nerea, 1994.

JUNGHANNS, K. *Bruno Taut 1880-1938*. Milano: Franco Angeli, 1978.

- LE CORBUSIER. *Cuando las catedrales eran blancas: viaje al país de los tímidos*. Barcelona: Poseidón, 1977.
- MONTANER, J. M. *Después del Movimiento Moderno: Arquitectura de la segunda mitad del siglo XX*. Barcelona: Gustavo Gili, 1993.
- \_\_\_\_\_. *La modernidad superada: arte y pensamiento del siglo XX*. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Las formas del siglo XX*. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 2002.
- MUMFORD, L. *El Mito de la máquina*. Buenos Aires: Emecé, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Frank Lloyd Wright y otros escritos*. Buenos Aires: Infinito, 1959.
- NERDINGER, W. *Bruno Taut 1880-1938*. Milano: Electa, 2001.
- O'GORMAN, E. *La invención de América*. México: Fondo de Cultura Económica, 1958.
- PEVSNER, N. *Pioneros del diseño moderno: de William Morris a Walter Gropius*. Buenos Aires: Infinito, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Estudios sobre arte, arquitectura y diseño*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1983.
- ROIG, J. M. G. *Tres arquitectos alemanes: Bruno Taut, Hugo Häring, Martin Wagner*. Madrid: Instituto Juan de Herrera, S.D.
- TAFURI, M. *Teorías e historia de la arquitectura*. Madrid: Celeste Ediciones, 1997.
- \_\_\_\_\_. *La esfera y el laberinto*. Barcelona: Gustavo Gili, 1979.
- TAFURI, M.; DAL CO, F. *Arquitectura contemporánea*. Madrid: Aguilar, 1978.
- TAFURI, M.; CACCARI, M.; DAL CO, F. *De la Vanguardia a la Metrópoli: crítica radical a la arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili, 1972.
- TAUT, B. *Bruno Taut 1880-1938: natur und fantasie*. Berlin: Ernst & Sohn cop., 1995.
- VITOU, E. (et al.). *Gabriel Guévrekian 1900-1970: une autre architecture moderne*. Paris: Connivences, 1987.
- ZEVI, B. *Historia de la Arquitectura Moderna*. Barcelona: Editorial Poseidon, 1980.
- WAISMAN, M. *La arquitectura descentrada*. Bogotá: Escala, 1995.
- \_\_\_\_\_. *El interior de la historia. Historiografía arquitectónica para uso de latinoamericanos*. Bogotá: Escala, 1990.
- \_\_\_\_\_. *La estructura histórica del entorno*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1972.
- WHYTE, I. B. *Bruno Taut and the architecture of activism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- \_\_\_\_\_. *The Crystal chain letters architectural fantasies by Bruno Taut and his circle*. Cambridge: The MIT Press, 1985.

## TEORIA E HISTÓRIA DA ARQUITETURA NO BRASIL

- BRUAND, Y. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo, Perspectiva, 1981.
- CENIQUEL, M. *Affonso Eduardo Reidy: Ordem Lugar e Sentido*. São Paulo: FAUUSP, 1996.
- FERRAZ, G. *Warchavchik e a Implantação da Arquitetura Moderna no Brasil: 1925-1949*. São Paulo: MASP, 1965.
- FISCHER, S. *Ensino e profissão: o curso de engenheiro-arquiteto da Escola Politécnica de São Paulo*. São Paulo: FFLCH-USP, Tese de Doutorado, 1989.
- GNOATO, L. S. P. *Introdução do Ideário Modernista na Arquitetura de Curitiba (1930-1965)*. São Paulo, FAUUSP, 1997.

- GOODWIN, P. *Brazil Builds: Architecture Old and New: 1652-1942*. New York: MoMA, 1943.
- HARRIS, E. D. *Le Corbusier: Riscos Brasileiros*. São Paulo: Nobel, 1987.
- LEMOS, C. Arquitetura Contemporânea. In: ZANINI, W. *História Geral da Arte no Brasil*. São Paulo, Instituto Moreira Sales, 1984.
- MARIANNO FILHO, J. *A Arquitetura Mesológica*. Rio de Janeiro, S/N, 1928.
- \_\_\_\_\_. Expressões Regionais da Arquitetura Tradicional Brasileira. In: Estudos de Arte Brasileira, Rio de Janeiro, 1942, p. 121-9.
- \_\_\_\_\_. *À Margem do Problema Arquitetônico Nacional*. Rio de Janeiro: Artes Gráficas, 1943a.
- MARTINS, C. A. F. *Estado e Arquitetura no Brasil: Elementos para uma investigação sobre a constituição do discurso moderno no Brasil*. São Paulo: FFLCH-USP, Dissertação de Mestrado, 1988.
- \_\_\_\_\_. Construir a Escola, Construir a Cidade. A experiência do Convênio Escolar em São Paulo: 1948-54. In: MACHADO, L.G.; FISBERG, Luis. (Org.). *IV Bienal Internacional de Arquitetura*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, v.I, 1999, p. 90-93.
- MELLO, M. M. *Moderno e Modernismo: a arquitetura dos dois primeiros fluxos desenvolvimentistas de Goiânia – 1933 a 1950, 1950 a 1964*. São Paulo: FAUUSP, Dissertação de Mestrado.
- MINDLIN, H. *Modern Architecture in Brazil*. Amsterdam, New York: Reinhold, 1956.
- PEREIRA, M. A. *Arquitetura, texto e contexto: o discurso de Oscar Niemeyer*. Brasília: Ed.UnB, 1997
- SANTOS, C. R. (et al.). *Le Corbusier e o Brasil*. São Paulo: Tessela Projeto, 1987.
- SCHWARTZ, J. (ed). *Brasil: de La Antropofagia a Brasília 1920-1950*. Valencia: IVAM, 2000.
- SEGAWA, H. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. São Paulo: EDUSP, 1999.

#### TEXTOS DE REFERÊNCIA

- ARGAN, G. C. *Progetto e destino*. Milano: Alberto Mondadori Editore, 1965.
- BAUDELAIRE, C. *El spleen de Paris*. Barcelona: Fontamara, 1979.
- \_\_\_\_\_. *El pintor de la vida moderna*. Murcia: Colegio Oficial de Aparejadores y Arquitectos Técnicos de Murcia, 2004.
- BENJAMIN, W. The Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction. In: *Illuminations: Essays and Reflections*. New York: Brace & World, 1968.
- \_\_\_\_\_. *El Concepto de crítica de arte en el romanticismo alemán*. Barcelona: Península, 1988.
- \_\_\_\_\_. Paris, capitale du XIXe siècle: le livre des passages. Paris: Les Éditions du Cerf, 1993.
- BLOCH, E. *The principle of hope*. Oxford: Basis Blakwell, 1986.
- BLOCH, M. Pour une histoire comparée des sociétés européennes. In :BLOCH, M. *Mélanges historiques*. Paris, 1961, p.16-40.
- BRAUDEL, F. *Écrits sur l'histoire*. Paris: Flammarion, 1969.
- BRONER, E. S. *Da teoria crítica e seus teóricos*. Campinas: Papirus, 1997.
- BURKE, P. *A Escola dos Annales 1929-1989: a Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.
- \_\_\_\_\_. Some reflections on the Pre-Industrial City. In: *Urban History Year Book*. S. L: S. N, 1975, p.13-21.
- CORBIN, A. *O território do vazío: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo : Cia das Letras, 1989.
- CORBOZ, A. La recherche : trois apologues. In : CORBOZ, André. *Le territoire comme Palimpseste et autres essais*. Paris : Les éditions de l'Imprimeur, 2001.

- EAGLETON, T. *Criticism and Ideology*. Londres: Verso, 1986.
- EATON, R. *Ideal cities: utopianism and the (un)built environment*. New York: Thames and Hudson, 2001.
- ECO, U. *Como se hace una tesis*. Técnicas y procedimientos de investigación, estudio y escritura. Barcelona: Gedisa, 1982.
- FOUCAULT, M. *La arqueología del saber*. Castillo: Siglo Veintiuno editores, 16ed, 1995.
- \_\_\_\_\_. *La Palabra y las cosas: una arqueología de las ciencias humanas*. México: Siglo Veintiuno, 1993.
- GILLOCH, G. *Myth & Metropolis: Walter Benjamin and the city*. Cambridge: Polity Press, 1996.
- GOSWAMI, A. *The Self Aware Universe: how consciousness creates the material world*. New York: Putnam, 1995.
- HEIDEGGER, M. *Construir, Habitar, Pensar*. Barcelona: ETSAB-UPC, 1995.
- JAMESON, F. *Documentos de cultura, documentos de barbarie*. Madrid: Visor, 1989.
- KOYRÉ, A. *Del mundo cerrado al universo infinito*. Madrid: Siglo veintiuno, 1979.
- LEPETIT, B. *Por uma Nova História Urbana*. São Paulo: Edusp, 2001.
- LEFEVRE, H. *El derecho a la ciudad*. Barcelona: Edicions 62, 1969.
- MADERUELO, J. *El Paisaje: génesis de un concepto*. Madrid: Abada Editores, 2005.
- MANNHEIM, K. *Ideología y utopía*. Madrid: Aguilar, 1958.
- MÁRQUEZ, G. G. Prólogo: Porqué doce, porqué cuentos y porqué pelegrinos. In: *Doce Cuentos Pelegrinos*. Barcelona: Contemporánea, p.5-11.
- MONTANER, J. M. *Arquitectura y Crítica*. Barcelona: Ed. Gustavo Gili S.A., 1999.
- NESSÛS, A. *Utopía*. Barcelona: Barral Editores, 1970.
- NIETSCHE, F. W. *Así habló Zaratustra*. Madrid: Alianza, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Sobre la utilidad y el perjuicio de la historia para la vida: II Intempestiva*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1999.
- PANOFSKY, E. *Idea: a evolução do conceito de belo*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- PRIGOGINE, I. *The end of certainty: time, chaos, and the new laws of nature*. New York: Free Pass, 1997.
- QUINCY, Q. *De l'imitation*. Bruxelles: Archives d'architecture moderne, 1980.
- ROSENAU, H. *La ciudad ideal: su evolución arquitectónica en Europa*. Madrid: Alianza editorial, 1986.
- SIMMEL, G. The metropolis and the mental life. In: SENNETT, R. *Classic Essays on the Culture of the Cities*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1969.
- VEYNE, P. *Comment on écrit l'Histoire*. Paris: De du Seuil, 1978.

#### **TEXTOS DE REFERÊNCIA - BRASIL**

- CÂNDIDO, A. *Os Parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Duas Cidades, 1987.
- \_\_\_\_\_. Uma palavra instável. In: *Vários Escritos*, São Paulo, 1995, Duas Cidades, p.293-305.
- FAUSTO, B. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- FERNANDES, F. *A Revolução Burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.

- FREYRE, G. *Casa-grande & senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global Editora, 2006.
- HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. Brasília: José Olympio, 1963.
- LAFETÁ, J. L. *1930: a crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.
- MARICATO, E. As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias: planejamento urbano no Brasil. In: ARANTES, O. (et. al.). *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis: Vozes, 2000, p.121-159.
- PEDROSA, M. *Acadêmicos e Modernos: Textos Escolhidos III*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- SANTOS, M. *Espaço e Sociedade* (ensaios). Petrópolis, Editora Vozes, 1979.
- \_\_\_\_\_. *A urbanização desigual: a especificidade do fenômeno urbano em países subdesenvolvidos*. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo, Hucitec, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel, 1985.
- \_\_\_\_\_. *A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e Emoção*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- SCHWARTZ, R. Nacional por subtração. In: *Que horas são?: ensaio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 29-48.
- \_\_\_\_\_. As idéias fora do lugar. In: *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Editora 34, 2000, p.11-31.

## SÃO PAULO

- AB'SABER, A. N. *Geomorfologia do sítio urbano de São Paulo*. São Paulo: FFLCH-USP, Tese de doutorado, 1956.
- AMERICANO, J. *São Paulo naquele tempo: 1895-1915*. São Paulo: Ed. Saraiva, 1957.
- \_\_\_\_\_. *São Paulo nesse tempo: 1915-1935*. São Paulo: Ed. Melhoramentos, S. D.
- ARRUDA, M. A. N. *Metrópole e Cultura: São Paulo no meio século XX*. Bauru: EDUSC, 2001.
- AZEVEDO, A. (org). *A cidade de São Paulo: estudos de Geografia Humana*. V.II: a Evolução Urbana. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1958.
- \_\_\_\_\_. *A cidade de São Paulo: estudos de Geografia Humana*. V. III: Aspectos da Metrópole Paulista. São Paulo: Associação de Geógrafos Brasileiros, 1958a.
- BASTOS, H. Um ano de crises. In: *Manchete*, n. 89, 1954, p. 18.
- BRUNO, E. S. *História e Tradições da Cidade de São Paulo*. São Paulo, Ed. Hucitec, 1984.
- COMISSÃO do IV Centenário da Cidade de São Paulo. *São Paulo antigo: plantas da cidade*. São Paulo: Comissão do IV Centenário, 1954.
- ESTADO de São Paulo. *Quarto Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo*. São Paulo: Estado de São Paulo, 1954.
- FERNANDES, P. P. S. (coord). *Guia dos documentos Históricos na Cidade de São Paulo, 1554/1954*. São Paulo: Editora Hucitec/NEPS, 1998.
- FOLHA da Manhã. É preciso frear o excessivo espraiamento de São Paulo. In: *Folha da manhã*. jan, 1954, capa.
- GERODETTI, J. E.; CORNEJO, C. *Lembranças de São Paulo: a capital paulista nos cartões postais e álbuns de lembranças*. São Paulo: Editora Solaris, 2003.

- IDOETA, I.; IDOETA, I. V.; CINTRA, J. P. *São Paulo vista do alto: 75 anos de aerofotogrametria*. São Paulo: S/N, 2004.
- IMPRESA Oficial. *Memória Urbana: a grande São Paulo até 1940*. São Paulo: Imprensa Oficial/Arquivo do Estado/Emplasa, 2001.
- LANGENBUCH, J. R. *A estruturação da grande São Paulo; estudo de geografia urbana*. São Paulo: GE-FFLCH, Tese de Doutorado, 1971.
- LOURENÇO, M. C. F. *Maioridade do Moderno em São Paulo*. São Paulo: S/N, 1990.
- MARCONDES, J. V. F.; PIMENTEL, O. (orgs). *São Paulo: Espírito, Povo, Instituições*. São Paulo: Ed. Pioneira, 1968.
- MILLIET, S. *Roteiro do Café e outros ensaios*. São Paulo: BIPA, 1946.
- MONBEIG, P. *La croissance de la ville de São Paulo*. Grenoble: Institut et revue de géographie alpine, 1953.
- MORSE, R. M. *Formação Histórica de São Paulo (da comunidade a metrópole)*. São Paulo: Difusão Européia, 1970.
- NEVES, C. S. *Parecer relativo à escolha do local para a Exposição Internacional do IV Centenário de Fundação da Cidade de São Paulo*. São Paulo: Comissão do IV Centenário, 1951a.
- \_\_\_\_\_. *Parecer a respeito de um projeto realizado pela Prefeitura Municipal*. São Paulo: Comissão do IV Centenário, 11 set. 1951b.
- \_\_\_\_\_. *Carta de Christiano Stockler das Neves para o Governador do Estado de São Paulo, o Sr. Dr. Lucas Nogueira Garcez*. 24 mar. 1952a.
- \_\_\_\_\_. *Relato de Christiano Stockler das Neves a respeito da Comissão do IV Centenário*. 11 jan. 1952b.
- \_\_\_\_\_. *Carta de Christiano Stockler das Neves para Robert Moses*. 16 jan. 1955.
- PORTA, P (org). *História da Cidade de São Paulo v.3: na primeira metade do século XX 1890-1954*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- PETRONE, P. *Pinheiros – aspectos geográficos de um bairro paulistano*. São Paulo: Edusp, 1963.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. *IV Centenário de Fundação da Cidade de São Paulo*. São Paulo: Gráfica Municipal, 1954.
- ROLNIK, R. *Cada um no seu lugar; São Paulo início da industrialização: geografia do poder*. São Paulo: FAUUSP, Dissertação de Mestrado, 1981.
- REALE, E. *Brás, Pinheiros, Jardins: três bairros, três mundos*. São Paulo: Ed. Pioneira, 1982.
- REIS, N. G. *São Paulo: Vila, cidade, metrópole*. São Paulo: PMSP, 2004.
- SAINT-HILAIRE, A. *Viagem à Província de São Paulo*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1976.
- SINGER, P. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: EDUSP, 1968.
- TORRES, M. T. M. *Ibirapuera*. Col. História dos bairros de São Paulo, v.11. São Paulo: PMSP, SMC, DPH, Divisão do Arquivo Histórico, 1977.

## ARTIGOS PUBLICADOS EM REVISTAS, JORNAIS OU ANAIS DE EVENTOS CIENTÍFICOS

### ARQUITETURA

- ALBUQUERQUE, A. *Arquitetura Moderna*. In: *Revista Politécnica*, n.102, 1931, p.395-8.
- AQUINO, F. *Max Bill critica a nossa moderna arquitetura*. In: *Manchete*, n. 60, 13 de jun., 1953, p. 38-39.
- COSTA, L. *Razões da Nova Arquitetura*. In: *Revista da Diretoria de Engenharia do Distrito Federal*, v.3, n. 1, jan., 1936.

- \_\_\_\_\_. Documentação Necessária. In: *Arquitetura e Urbanismo*, n.3, mar./abr., 1938, p.106-9.
- \_\_\_\_\_. Carta depoimento. In: *O Jornal*, 14 de mar., 1948.
- DUARTE, H. Problema Escolar e a Arquitetura. In: *Habitat*, n. 4, jul., 1951, p. 5.
- FERRAZ, G. Falta o depoimento de Lucio Costa. In: *Diário de São Paulo*, 01 de fev., 1948.
- GIEDION, S. La Première Biennale de São Paulo. In: *L'Architecture d'Aujourd'hui*, n.38, 1951, p.v.
- \_\_\_\_\_. Le Brésil et l'architecture contemporaine. In: *L'Architecture d'Aujourd'hui*, n.43, 1952a, p.3.
- \_\_\_\_\_. L'Unité d'Habitation de Pedregulho à Rio de Janeiro. In: *L'Architecture d'Aujourd'hui*, n.43, 1952c, p.124-9.
- GIEDION, S. Roberto Burle Marx. In: *Brasil Arquitetura Contemporânea*, n.11, 1957, p.46.
- MARIANO FILHO, J. Os Dez Mandamentos do Estylo Neo-Colonial: aos jovens architectos. In: *Architectura no Brasil*, v. IV, n.24, set., 1923.
- \_\_\_\_\_. A Architectura Mesologica. In: *Anaes do I Congresso de Habitação*. São Paulo: Lyceu Coração de Jesus, 1931.
- \_\_\_\_\_. Os fundamentos espirituais da arquitetura brasileira. In: *Revista do Arquivo Municipal*, ano V, v.LIX, Jul., 1939.
- MAIA, F. P. Arquitetura e Arte. In: *Revista de Engenharia Mackenzie*, n. 126, set.-dez., 1955, p.64.
- MARTINS, C. Arquitetura e Metrôpole: alguns elementos para a caracterização do contexto arquitetônico em São Paulo, anos 40 e 50. In: *II Seminário Docomomo Brasil*. Salvador: EDUFBA, 1997, p.1-12.
- MARTINS, C. A. F. Bajo aquella luz nació una arquitectura... reflexiones en torno a la relación entre arquitectura y paisaje en Le Corbusier y la arquitectura brasileña. In: *Block*, n.2., may., 1998, p.76-87.
- \_\_\_\_\_. -“ Hay algo de irracional...”. In: *Block*, n.04, especial Brasil, 1990.
- MOLELLA, A. P. Science Moderne: Sigfried Giedion's Space, Time and Architecture and Mechanization Takes Command. In: *Technology and Culture*, v.43, april, 2002, p. 374-389.
- NEVES, C. S. Arquitetura colonial. In: *Jornal do Comércio*, 02 de mar., 1917.
- \_\_\_\_\_. O Centenário e as Belas Artes. In: *O jornal*, 08 de abr., 1921a.
- \_\_\_\_\_. Arquitetura Tradicional. In: *O Jornal*, ano 3, n.663, 12 de abr., 1921b.
- OLIVEIRA, F. L. Sigfried Giedion e o caso brasileiro: uma aproximação historiográfica. In: *Anais do 6º SEMINÁRIO DOCOMOMO-Brasil*, Niterói, GEU-UFF, 2005.
- STANKARD, M. Recovering Mies van der Rohe's Weissenhof: The Ultimate Surface. In: *Journal of Architectural Education*, 2002, p.247-256.
- WARCHAVCHIK, G. Acerca da arquitetura moderna. In: *Correio da Manhã*, 1 de nov. 1925.

## URBANISMO

- ANDRADE, C. R. M. *A morte do lugar público*. In: *Anais do Seminário Interdisciplinar Cidade e Produção do Cotidiano – ANPUR*, Recife, 1995.
- \_\_\_\_\_. Ressonâncias do Tipo Cidade-Jardim no Urbanismo de Cidades Novas no Brasil. In: *Anais do VI Seminário de História das Cidades e do Urbanismo*, Natal, 2000.
- ANDRADE, C. R. M.; LEME, M. C. S. Rio Tietê: dos meandros às avenidas marginais. In: *Anais do II Seminário Metrôpoles Latino-americanas*, S/D, p.106-14.
- BAXTER, S. The German Way of Making Better Cities. In: *Atlantic Monthly*, n.104, jul., 1909, p.72-95.
- BITTENCOURT, L. C. Campinas Centro Histórico: Rupturas e (Dês) continuidades: In: *Oculum Ensaíos – Revista de Arquitetura e Urbanismo*, Campinas.

- CARDIM FILHO, C. A. G. Problemas Urbanísticos da Cidade. In: *Revista de Engenharia*, dez., 1950, p.154-6.
- CEZAR FILHO, R.; CAMARGO, A. A. Coisas de Urbanismo: São Paulo e seus problemas. In: *Revista de Engenharia Municipal*, v.1, n.3, jul., 1956, p.42-7.
- ULHÔA CINTRA, J. F. Nota sobre o relatório, apresentada pelo engenheiro da municipalidade, J. F. de Ulhôa Cintra. In: *Boletim do Instituto de Engenharia*, v. IV, n.19, jan., 1923, p.195-7.
- COLLINS, C. C. Urban Interchange in the Southern Cone: Le Corbusier (1919) and Werner Hegemann (1931) in Argentina. In: *The Journal of the Society of Architectural Historians*, v.54, n.2, jun., 1995, p. 208-27.
- COSTA, L. A. M. Nem europeu, nem americano: Victor da Silva Freire e suas influências teóricas. In: *Anais do IX Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*, São Paulo, FAUUSP/Mackenzie, 2006.
- D'ANIERI, P. A "Fruitful Hypothesis"? The Regional Planning Association of America's Hopes for Technology. In: *Journal of Planning History*, v.1, n.279, 2002, p.279-89.
- FELDMAN, S. A Americanização do Setor de Urbanismo da Administração Municipal de São Paulo. in: *Anais do IV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*, Rio de Janeiro, Pro-URB-FAU/UFRJ, v.1, 1996, p.224-34.
- FERNANDEZ, A. GOMES, M. A. F. História da cidade e do urbanismo no Brasil: reflexões sobre a produção recente. In: *Ciência e Cultura*, v.56, n.2, abr./jun., p.23-5.
- FERRAZ, G. Cidade Universitária da Universidade de São Paulo. Uma constatação polêmica dos resultados do plano e da execução das obras no Butantã. In: *Habitat*, n.27, fev., 1956, p.5-10.
- FERREIRA, B. Singular a situação presente no Ibirapuera. In: *Correio Paulistano*, 27 mai. 1962.
- FREIRE, V. S. Melhoramentos de São Paulo. In: *Revista Politécnica*, n.33, 1911.
- \_\_\_\_\_. A cidade salubre. In: *Revista Politécnica*, n.48, 1914.
- \_\_\_\_\_. A Canalização do Rio Tietê no território da Capital e municípios adjacentes. In: *Boletim do Instituto de Engenharia*, v. IV, n.19, jan., 1923, p.182-9.
- FELDMAN, S. O zoneamento ocupa o lugar do plano: São Paulo, 1947-1961. In: *Anais do 7.º Encontro Nacional da ANPUR*. Recife, MDU, UFPE, v.1, 1997, p.667-84.
- FINA, W. M. A primeira perimetral e o Intendente de Obras Pedro Augusto Gomes Cardim. In: *Revista Engenharia Municipal*, v.2, n.5, p.15-6.
- GUTIÉRREZ, R. Los inicios del urbanismo en la Argentina. Parte 1 – El aporte Francés. In: [http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq087/arq087\\_01.asp](http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq087/arq087_01.asp). Consultado em 30 de agosto de 2007.
- LEFEVRE, H. N. Espaços livres urbanos. In: *Revista Engenharia*, v.X, n.166, jul., 1952, p.2; 407-8.
- \_\_\_\_\_. Planejamento e problemas de São Paulo. In: *Revista Engenharia*, v.X, n.126, fev., 1953, p.139-47.
- \_\_\_\_\_. Comissão Orientadora do Plano da Cidade de São Paulo. In: *Revista Engenharia*, ago., n.165, v. XV, 1956.
- LEVI, R. A arquitetura e a estética das cidades. In: *O Estado de São Paulo*, 15 de out. 1925.
- LODI, C. Considerações sobre pontos fundamentais do planejamento urbano. In: *Acrópole*, v.XVI, n.186-7, mar., 1954, p.378-82.
- LODI, C. O plano diretor de São Paulo. In: *Revista de Engenharia Municipal*, n.8, 1957, p.17-22.
- MAIA, F. P. O programa norte-americano de melhoramentos para São Paulo. In: *Revista Digesto Econômico*, n.77, abr., 1951, p.5-27.
- MAIA, F. P.; ULHÔA CINTRA, J. F. Os grandes melhoramentos de São Paulo. In: *Boletim do Instituto de Engenharia*, n. 26-7, out., 1924, p.56-60.

- \_\_\_\_\_. Os grandes melhoramentos de São Paulo. In: *Boletim do Instituto de Engenharia*, n. 28, mar.-jun., 1925a, p.91-4.
- \_\_\_\_\_. Os grandes melhoramentos de São Paulo. In: *Boletim do Instituto de Engenharia*, n. 29, jul.-out., 1925b, p.121-32
- \_\_\_\_\_. Os grandes melhoramentos de São Paulo. In: *Boletim do Instituto de Engenharia*, n. 31, mar.-jun., 1926, p.225-32.
- MELLO, L. I. A. A cidade celular - quadras, superquadras e células residenciais. In: *Boletim do Instituto de Engenharia*, n. 94, set., 1933a, p.131-42.
- \_\_\_\_\_. Urbanismo e suas normas para organização de planos. In: *Boletim do Instituto de Engenharia*, abr., 1933b, p.210.
- \_\_\_\_\_. Um Plano Regulador para o Município: Orientação Planológica e Organização Administrativa. In: *Engenharia*, nov., 1945, p.87-105.
- \_\_\_\_\_. Os novos moldes da composição urbana – “Town Design”. In: *Revista Digesto Econômico*, n. 109, dez., 1953, p.95-104.
- \_\_\_\_\_. Conferência sobre o Plano Regional Urbanístico de São Paulo. In: *Revista da Administração Municipal*, n.2, 1955a, p.82-4.
- \_\_\_\_\_. São Paulo e a necessidade de um Plano- Diretor. In: *Revista da Administração Municipal*, n.2, 1955b, p.167-172.
- \_\_\_\_\_. Visão do Futuro e Realidade do Presente. In: *Habitat*, n.21, 1955c, p.1-2.
- \_\_\_\_\_. Urbanismo Positivo e Urbanismo Negativo - As modernas cidades inglesas. In: *Revista Engenharia Municipal*, v.I, n.3, 1956.
- MEYERS, A. Invisible Cities: Lewis Mumford, Thomas Adams, and the Invention of the Regional City, 1923-1929. In: *Business and Economic History*, v. 27, n.2, 1998, p.292-306.
- NOVICK, A. Planes versus proyectos: algunos problemas constitutivos del urbanismo moderno. Buenos Aires, 1910-1936. In: [http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arg057/arg057\\_01\\_e.asp](http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arg057/arg057_01_e.asp). Consultado em 22 de junho de 2007.
- PAULISTÂNIA. São Paulo de Hoje ... . In: *Revista Paulistânia*, n.45, jun.-ago., 1954, p.70-2.
- \_\_\_\_\_. São Paulo de ontem ... São Paulo de hoje. In: *Revista Paulistânia*, n.50, jan.-jul., 1954.
- PEARLMAN, J. Joseph Hudnut and the unlikely beginnings of post-modern urbanism at the Harvard Bauhaus. In: *Planning Perspectives*, n.15, 2000, p.201-239.
- REALE, M. Minhas memórias da USP. In: *Estudos Avançados*, v. 8, n.22, 1994, p.25-46.
- RODRIGUES, J. A. F. Relatório do Prof. J. A. da Fonseca Rodrigues. In: *Boletim do Instituto de Engenharia*, v. IV, n.19, jan., 1923, p. 190-7.
- S/A. A Cidade Universitária. In: *Revista de Engenharia*, v.9, n.101, p.3.
- S/A. Cidades Universitárias. In: *Arquitetura*, 55-56, S/D.
- S/A. Bouvard e Moses. In: *Revista de Engenharia*, v.9, n.101, p.2-3.
- SELF, P. Town Planning in the United States and Britain. In: *The Town Planning Review*, v. XXV, n.3, oct., 1954, p.167-81.
- SOUZA, A. Programa de Melhoramentos para São Paulo. In: *Habitat*, v.I, n.2, jan.-mar., 1951.

## PAISAGISMO

- BALTHAZAR, J M. O Parque Náutico. In: *Revista Engenharia Municipal*, v.I, n.3, jul., 1956, p.31-4.
- BARTALINI, V. Sintonias e defasagens – os parques públicos nos planos de São Paulo. In: *Paisagem e Ambiente*, n.7, jun., 1995, p.69-89.

- \_\_\_\_\_. Os Parques Públicos Municipais em São Paulo. In: *Paisagem Ambiente Ensaios*, São Paulo, n.09, dez., 1996, p.125-148.
- \_\_\_\_\_. Os parques públicos nos planos para São Paulo. In: *Anais do IV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*, Rio de Janeiro, SHCU, 1996.
- \_\_\_\_\_. A municipalidade do verde público na cidade de São Paulo: da administração dos jardins públicos e arborizados (1900) à Subdivisão de Parques, Jardins e Cemitérios (1935). In: *Anais do VI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*, Natal, SHCU, 2000.
- BEIGUELMAN, P. Problemas hidrológicos da grande São Paulo. In: *Ciência e Cultura*. v.56, n.3, jul.-set., 2004.
- BRASIL Arquitetura Contemporânea. Exposição do IV Centenário de São Paulo: Parque do Ibirapuera. In: *Brasil Arquitetura Contemporânea*, n.2-3, nov.-jan., 1953-4, p.49-53.
- CARDOSO, O. A. Roberto Coelho Cardozo – A vanguarda da arquitetura paisagística Moderna Paulistana. In: *Paisagem e Ambiente*, v.IV, 1992, p.171-86.
- CASTILHA, M. O moderno na arquitetura da paisagem e a obra de Waldemar Cordeiro. In: *Paisagem e Ambiente*, v.IV, 1992, p.151-170.
- CENIQUEL, M. Paisagem e configuração espacial no Rio de Janeiro: Os espaços livres urbanos no século XIX. In *Paisagem e Ambiente*, n.8, dez., 1995, p. 233-275.
- COMISSÃO Pró-Monumento a São Paulo e Urbanização do Jaraguá. *Plano Jaraguá*. 1951.
- CONWAY, H. Everyday Landscapes: Public Parks from 1930 to 2000. In: *Garden History*, v.28, n.1, 2000, p.117-134.
- ÇELIK, Z. Bouvard's Boulevards: Beaux-Arts Planning in Istanbul. In: *The Journal of the Society of Architectural Historians*, v.43, n.4, dez., 1984, p.341-55.
- DIERBERGER, R. O Parque Municipal do Ibirapuera, em São Paulo. In: *Revista Architectura e Construções*, v.1, n.11, jun., 1930, p.34-8.
- DÜMPELMANN, S. The Park International: Park System Planning as an International Phenomenon at the Beginning of the Twentieth Century. In: *GHI Bulletin*, n.37, 2005, p.75-86.
- ESTADO de São Paulo. Burle Marx afasta Niemeyer da reforma do Parque do Ibirapuera. In: *Estado de São Paulo*, 15 jan. 1992, p.2.
- ETZEL, E. O Verde na Cidade de São Paulo. In: *Revista do Arquivo Municipal*, n.195, jan./dez., 1982, p.51-76.
- GIEDION, S. Burle-Marx et le jardin contemporain. In: *L'Architecture d'Aujourd'hui*, n.43, 1952b, p.11-4.
- GUARALDO, E. São Paulo: paisagem e paisagismo na Primeira República (a inserção do quadro urbanístico). In: *Paisagem e Ambiente*, v.IV, 1992, p.139-49.
- GROPIUS, W. Is There a Science of Design? (1947). In: *Scope of Total Architecture*, New York, Harper and Row, 1955.
- HANEY, D. "No House Building without Garden Building!" ("Kein Hausbau ohne Landbau!"): The Modern Landscapes of Leberecht Migge. In: *Journal of Architectural Education*, 2001, p.149-157.
- JORDAN, H. Public Parks, 1885-1914. In: *Garden History*, v. 22, n.1, 1994, p.85-113.
- KRAMER, E. The Walter Gropius House Landscape: A Collaboration of Modernism and the Vernacular. In: *Journal of Architectural Education*, 2004, p.39-47.
- LAURIE, M. From Garden Design to Regional Plan: The California Influence on Contemporary Landscape Architecture. In: *Landscape Architecture* 56, n.4, July, 1966, p.292-8.
- MACEDO, S. S.; CENIQUEL, M. O Paisagismo no Brasil – Introduzindo a questão. In: *Paisagem e Ambiente*, v.IV, 1992, p.131-8.

- OLIVEIRA, A. R. Entrevista de Burle Marx a Ana Rosa de Oliveira. 2002. In: [http://www.vitruvius.com.br/entrevista/burlemarx/burlemarx\\_3.asp](http://www.vitruvius.com.br/entrevista/burlemarx/burlemarx_3.asp). Consultada em abril de 2006.
- OLIVEIRA, F. L. 'Para o bem de São Paulo, para o belo em São Paulo': uma proposta de Christiano Stockler das Neves para o Parque do Ibirapuera. In: *Anais do VII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*, Salvador, UFBA, 2002, CD-ROM.
- PEKNEY, E. O paisagismo na atualidade. In: *Acrópole*, n.240, 1958, p.552-3.
- SANDEVILLE Jr., E. Por uma história e por um projeto de diálogo sobre as histórias. In: *Anais do VII ENEPEA*, junho, Belo Horizonte, 2004. Disponível em <http://www.ambiente.arq.br> em 21/04/05.
- SHAFFER, M. S. Scenery as an asset: assessing the 1930 Los Angeles regional park plan. In: *Planning Perspectives*, n.16, 2001, p.357-382.
- SHENKER, H. M. Central Park and the Melodramatic Imagination. In: *Journal of Urban History*, v.29, n.4, may, 2003, p.375-393.
- SILVA, A. F.; SÁ CARNEIRO, A. R. O Princípio e os princípios do paisagismo moderno: o jardim-patrimônio de Roberto Burle Marx. In: *Anais 6º Seminário Docomomo Brasil*, Niterói, 2005.
- SILVA, M. A.; ALCIDES, M. M. Collecting and Framing the Wilderness: The Garden of Johan Maurits (1604-79) in North-East Brazil. In: *Garden History*, v.30, n.2, 2002, p.153-176.
- SIMO, M. The education of a Modern Landscape Designer. In: *Pacific Horticulture*, v.49, n.2, 1988, p.19-30.
- STEELE, F. New Pioneering in Garden Design. In: *Landscape Architecture*, v.20, n.3, abr., 1930, p.158-77.
- STEIN, W. A New Deal Experiment with Guided Democracy: The FSA Migrant Camps in California. In: *Historical Papers*, Canadian Historical Association, 1970, p. 132-46.
- STEINER, M. C. Regionalism in the Great Depression. In: *The Geographical Review*, v.73, n.4, out., 1983, p.430-46.
- TAYLOR, H. A. Urban Public Parks, 1840-1900: Design and Meaning. In: *Garden History*, v.23, n.2, 1995, p.201-221.
- UNDERWOOD, D. Agache, French Sociology, and Modern Urbanism. In: *The Journal of the Society of Architectural Historians*, v.50, n.2, jun., 1991, p.156.
- VICTORINO, V. Uma visão histórica dos recursos hídricos na cidade de São Paulo. In: *Revista Brasileira de Recursos Hídricos*, v.7, n.1, jan.-mar., 2002, p.51-68.
- YOUNG, T. Modern Urban Parks. In: *Geographical Review*, v.85, n.4, oct., 1995, p.535-551.

#### TEXTOS DE REFERÊNCIA

- BLOCH, M. Comparaison. In: *Bulletin du Centre International de Synthèse*, n.9, 1930.
- BRAUDEL, F. Histoire et sciences sociales: la longue durée. In: *Annales*, n.17, 1958.
- CALABI, D. Marcel Poëte: pioneer of 'l'urbanisme' and defender of 'l'histoire des villes'. In: *Planning Perspectives*, n.11, 1996, p.413-436.
- GREW, R. The Case for Comparing Histories. In: *The American Historical Review*, v. 85, n.4, Oct., 1980, p.763-778.
- OLIVEIRA, F. A economia brasileira: crítica à razão dualista. In: *Estudos Cebrap II*. 1972.
- PINTO, R. F. São Paulo na obra de Florestan Fernandes. In: *São Paulo em Perspectiva*, v.13, n.1-2, 1999, p.214-222.
- SOUZA, G. M. Vanguarda e Nacionalismo na Década de vinte. In: *Exercícios de leitura*, São Paulo, Duas Cidades, 1980, p. 249-77.

## **BIBLIOTECAS E ARQUIVOS CONSULTADOS**

### **BIBLIOTECAS**

Biblioteca da Escola de Engenharia de São Carlos. Universidade de São Paulo. EESC/USP

Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. FAUUSP

Biblioteca da Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. FAUUSP/PGR

Biblioteca da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo. FEA/USP

Biblioteca Central da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. POLI/USP

Biblioteca da Engenharia Civil da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. ENGCIVIL/POLI/USP

Biblioteca do Museu Paulista da USP

Biblioteca Municipal Presidente Kennedy – São Paulo

Biblioteca del Colégio de Arquitectos de Cataluña. Barcelona

Biblioteca da *Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona. Universitat Politècnica de Catalunya*. ETSAB-UPC. Barcelona

### **ARQUIVOS**

Centro de Documentação Técnica do Departamento de Parques e Áreas Verdes da Prefeitura Municipal de São Paulo. CDT-DEPAVE

Reprografia do DEPAVE

Arquivo Histórico Municipal Washington Luis – Prefeitura Municipal de São Paulo

Setor de Projetos da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. FAUUSP/PGR

Sessão de Levantamentos e pesquisa do Departamento do Patrimônio Histórico. SLP-DPH

Arquivos da Cia City